

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Gabriela Prezotto Gavazzi

**UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE OS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM
NO PROCESSO DE IDENTIDADE REFERENTE À TRANSIÇÃO DA
ADOLESCÊNCIA PARA A VIDA ADULTA**

**TAUBATÉ - SP
2020**

Gabriela Prezotto Gavazzi

**UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE OS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM
NO PROCESSO DE IDENTIDADE REFERENTE À TRANSIÇÃO DA
ADOLESCÊNCIA PARA A VIDA ADULTA**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento

**TAUBATÉ - SP
2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

G281e Gavazzi, Gabriela Prezotto
Um estudo bibliográfico sobre os aspectos que influenciam no processo de identidade referente à transição da adolescência para a vida adulta / Gabriela Prezotto Gavazzi. -- 2020.
87 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento,
Departamento de Psicologia

1. Transição para vida adulta. 2. Identidade. 3. Geração canguru. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 155.4

Gabriela Prezotto Gavazzi

**UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE OS ASPECTOS QUE INFLUENCIAM NO
PROCESSO DE IDENTIDADE REFERENTE À TRANSIÇÃO DA ADOLESCÊNCIA
PARA A VIDA ADULTA**

Monografia apresentada como requisito para a
conclusão do Curso de Graduação em Psicologia do
Departamento de Psicologia da Universidade de
Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. Dr. Paulo Roberto Grangeiro Rodrigues

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Cursar psicologia foi um enorme desafio para a minha vida, talvez um dos maiores até agora. Me deparei com momentos em que me desconectei de mim mesma e tive que começar de fato a enfrentar o eterno questionamento “Quem sou eu?”. Em meio a esse processo está minha própria transição para a vida adulta, que me traz tantas angústias, mas também tantas possibilidades.

Agradeço, principalmente, aos meus pais Roseli e Gerson que me incentivaram e me apoiaram durante toda minha formação. Por sempre terem acreditado em mim e serem meu maior exemplo de vida.

Agradeço aos meus amigos Pedro Carlos, Maria Thereza, Júlia Faustino, Fernanda Bernal, Fiori Simões, Amanda Viagi e Victória Miranda que estiveram comigo todos esses anos, trocando experiências, abraços apertados, muitas risadas e um ombro quando precisei. Por se mostrarem uma nova família. Ao meu namorado e amigo Guilherme Miranda, que esteve comigo me motivando durante esse ano e à minha amiga Ana Reis, por ter dividido comigo o processo de construção desse trabalho.

Sou eternamente grata a todos os professores do curso de psicologia que me ensinaram com paixão e experiência o que é ser psicólogo e como ser um bom profissional.

Em especial agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Ana Cristina Araújo do Nascimento por ter me acolhido desde os primeiros estágios. Por sempre ter sido minha maior inspiração profissional e quem sempre me deu suporte e me incentivou a acreditar no meu próprio potencial. Agradeço imensamente pela paciência e pelos puxões de orelha carinhosos. Por me fazer rir e por ser muito mais que uma professora, mas quase uma segunda mãe, me escutando nos momentos difíceis e me incentivando a persistir. Meu muito obrigada a minha grande amiga “Aninha”.

Gostaria de agradecer também à banca examinadora Prof. Dr. Paulo Roberto Grangeiro Rodrigues, que me fez enxergar a paixão pela psicologia e pela pesquisa pela primeira vez. Por ter sido o primeiro a confiar no meu trabalho e me guiar com paciência e sabedoria a uma pesquisa da qual me orgulho tanto. Por se mostrar um grande amigo que levarei pra vida. Meu muito obrigada ao Prof. Paulo, por ser esse grande parceiro e enorme inspiração profissional.

Por fim, agradeço a todos que estiveram ao meu lado durante toda minha trajetória e por me ajudarem a ser a pessoa que sou hoje e a futura profissional que serei.

“[...] A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo,
é isso. Um rosário de piscadas. Cada piscos é um dia.

Pisca e mama;

pisca e anda;

pisca e brinca;

pisca e estuda;

pisca e ama;

pisca e cria os filhos;

pisca e geme os reumatismos;

por fim pisca pela última vez e morre.

– E depois que morre? – perguntou o Visconde.

– Depois que morre, vira hipótese [...]”

Monteiro Lobato
em *Memórias da Emília* (1936)

RESUMO

O processo de transição para a vida adulta é um momento de descoberta de quem somos e de testar novas formas independentes e criativas de ver o mundo. Tal período pode ser muitas vezes confuso por tratar-se de um novo reconhecimento de si mesmo e uma fase em que já não se é mais adolescente, mas também não está totalmente firmado nos papéis adultos. Essa nova fase pode vir acompanhada de muita angústia, mas também de muitas expectativas em busca da independência. Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo compreender, a partir da literatura científica, quais são os aspectos que caracterizam o processo de transição dos jovens para a vida adulta. Como objetivos específicos buscou-se identificar as variáveis que facilitam ou dificultam o momento de passagem para a fase adulta; descrever o que leva os jovens a realizarem essa transição de forma socialmente esperada ou tardia e quais são os marcadores dessa transição. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, tendo como método a revisão integrativa e foram analisados onze artigos e três dissertações. Os resultados da pesquisa revelam, no que diz respeito às variáveis que facilitam o processo de transição para a vida adulta, que fatores como liberdade, independência financeira através do trabalho, o apego seguro e a conexão emocional com os pais favorecem o momento de transição. Já a dificuldade dos pais em elaborar o luto da infância dos filhos, a exigência do mercado, prolongada formação profissional e ritos de passagem mais flexíveis são importantes fenômenos que dificultam esse processo. Em relação às variáveis que levam a uma transição tradicional ou antecipada estão o fator de crescimento econômico e modernização das sociedades, assim como a expansão dos direitos sociais. No que diz respeito às variáveis que levam a uma transição tardia, um dos fatores marcantes é a crescente expectativa e qualidade de vida nas sociedades modernas, além de outras possibilidades de arranjo de família não mais tradicionais. Em relação aos elementos que marcam o processo de transição para a vida adulta estão a exploração da identidade, autofoco, ambivalência e instabilidades, além dos tradicionais ritos de passagem como saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa de origem e formação de uma nova família. Com esta pesquisa, foi possível obter informações relevantes que sugerem a importância de se estudar o processo de transição para a vida adulta. Por fim, conclui-se que tal fase é influenciada por fatores sociais, culturais, econômicos e demográficos que atuam na sociedade e na família. Mudanças nessas estruturas trazem novas modalidades de transições, convertidas para um padrão de incertezas que apresenta possibilidades de extensão e também reversão, uma vez que se constata cada vez mais jovens se mantendo na dependência da família de origem ou que retornam à casa dos pais.

Palavras-chave: Transição para a vida adulta. Geração canguru. Identidade.

ABSTRACT

The transition to adulthood is a time to discover who we are and to test new independent and creative ways of seeing the world. This time can often be confusing because it is a new recognition of oneself and a phase in which one is no longer a teenager, but neither fully established in adult roles. It is a moment of great anguish, but also many expectations in the search for independence. This study aimed to understand, based on scientific literature, what aspects characterize the transition process of young people into adult life. The study was carried out through exploratory and bibliographic research, using the integrative review method. Eleven articles and three dissertations were considered to identify the variables that facilitate or hinder the transition to adulthood; Describe what leads young people to make this transition traditionally or late and what are the markers of this transition. The survey results reveal that with regard to the variables that facilitate the transition to adulthood, factors such as freedom, financial independence through work, secure attachment and emotional connection with parents favor the process. The parents' difficulty in elaborating their children's childhood mourning, the market demand, prolonged professional training and more flexible rites of passage are important phenomena that hinder the transition process of young people. Regarding the variables that lead to a natural or anticipated transition are the factor of economic growth and modernization of societies, as well as the expansion of social rights. In relation to the variables that lead to a late transition, one of the striking factors is the growing expectation and quality of life in modern societies, in addition to other possibilities of a more traditional family arrangement. In relation to the elements that mark the transition to adulthood are the exploration of identity, self-focus, ambivalence and instabilities, in addition to the traditional rites of passage such as leaving school, entering the job market, leaving the home of origin and training of a new family. With this research, it was possible to obtain relevant information on the importance of studying the transition to adulthood. It concludes that this phase is influenced by social, cultural, economic and demographic factors that act in society and in the family and changes in these structures bring new modalities of transitions, converted to a pattern of uncertainties that presents possibilities of extension and also reversion, since it is found that more and more young people remain dependent on the family of origin or return to their parents' home.

Palavras-chave: Transition to adulthood. Kangaroo generation. Identity.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - BASE DE DADOS	30
QUADRO 2 - NÚMERO DE PUBLICAÇÕES POR ANO	30
QUADRO 3 - PERIÓDICOS	31
QUADRO 4 - DISSERTAÇÕES E TESES	32
QUADRO 5 - TIPOS DE PESQUISA	32
QUADRO 6 - OBJETIVOS	33
QUADRO 7 - INSTRUMENTOS E PARTICIPANTES.....	36
QUADRO 8 - RESULTADOS E CONCLUSÕES	40
QUADRO 9 - VARIÁVEIS QUE FACILITAM OU DIFICULTAM O MOMENTO DE PASSAGEM PARA A FASE ADULTA	46
QUADRO 10 - VARIÁVEIS QUE LEVAM A UMA TRANSIÇÃO NATURAL/ANTECIPADA	51
QUADRO 11 - VARIÁVEIS QUE LEVAM A UMA TRANSIÇÃO TARDIA	53
QUADRO 12 - ELEMENTOS QUE MARCAM O PROCESSO DE TRANSIÇÃO PARA AVIDA ADULTA.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo Geral.....	13
1.2.2 Objetivos Específicos.....	13
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	13
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	14
1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	15
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2.1 O INÍCIO DA VIDA ADULTA.....	16
2.1.1 Aspectos relacionados à formação de identidade na vida adulta.....	18
2.1.2 Qualidade dos vínculos familiares.....	19
2.1.3 Mudanças no relacionamento com os pais.....	21
2.1.4 Relacionamentos íntimos e conjugais.....	22
2.1.5 A saída da casa de origem e a juventude prolongada.....	24
2.1.6 Entrada no mercado de trabalho.....	26
3 MÉTODO.....	28
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	28
3.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	28
3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
4.1 ASPECTOS FORMAIS.....	30
4.2 ASPECTOS DE CONTEÚDO.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 1.....	68
APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 2.....	69
APÊNDICE C - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 3.....	70
APÊNDICE D - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 4.....	71
APÊNDICE E - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 5.....	72
APÊNDICE F - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 6.....	74
APÊNDICE G - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 7.....	76
APÊNDICE H - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 8.....	78
APÊNDICE I - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 9.....	79
APÊNDICE J - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 10.....	80

APÊNDICE K - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 11	81
APÊNDICE L - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 12.....	82
APÊNDICE M - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 13.....	84
APÊNDICE N - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 14	85

1 INTRODUÇÃO

O final da adolescência até o início da terceira década de vida pode ser considerada a importante fase que é o começo da vida adulta, para a maioria dos países industrializados (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Tal fase, desde a década de 70 é definida como um processo caracterizado por eventos específicos, tais como: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da família de origem, casamento e estabelecimento de uma nova família. Esses eventos não pretendem anunciar universalmente a maioridade, mas certamente, um após o outro, independente da ordem, caracterizam-se como aspectos que participam do mundo dos adultos (MODELL; FURSTENBERG; HERSHBERG, 1976).

Esse momento de transição é também o momento de descoberta de quem somos e de testar novas formas independentes e criativas de ver o mundo. Tal período pode ser muitas vezes confuso por tratar-se de um novo reconhecimento de si mesmo e uma fase em que já não se é mais adolescente, mas também não está totalmente firmado nos papéis adultos. Momento esse de muita angústia, mas também de muitas expectativas em busca da independência (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A literatura aponta que os indivíduos se tornam adultos quando são capazes de responder por si mesmos ou quando escolhem ter uma carreira, casam-se ou possuem um relacionamento significativo para estabelecer uma família. Por outro lado, a maturidade psicológica pode ser compreendida de forma mais complexa. Depende de realizações, como descobrir a própria identidade, tornar-se independente dos pais e construir um sistema de valores interno. Segundo Papalia e Feldman (2013), fatores ainda mais abstratos podem ser usados para medir a maturidade adulta, como o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal, ou seja, não se tratam apenas de eventos isolados e não devem ser cumpridos em uma idade pré-estabelecida.

Até a década de 1970, na maioria dos países ocidentais, esperava-se uma certa linearidade nos modelos de desenvolvimento da vida dos indivíduos. Era esperado que após a sociabilidade desenvolvida na infância (em que havia grande dependência dos pais), aos 15 anos era chegada à adolescência. Um momento de rompimento de laços com a família e de maior interação com os pares da mesma idade. Após esse período, era esperado que dos 18 aos 25 anos o jovem completasse a passagem de amadurecimento para a entrada na vida adulta. A partir daí, diversos eventos marcariam a existência do indivíduo até a sua morte, sendo eles: o primeiro emprego, o casamento, a chegada do primeiro filho, o ninho vazio, a aposentadoria e a viuvez (CAMARANO, 2006).

No Brasil, coexistem dois fenômenos que vem ocorrendo a partir dessa década. De um lado ocorre uma antecipação na idade de chegada do primeiro filho e de outro há uma parcela da população seguindo o modelo de prolongamento da juventude, o que é também conhecido como “geração canguru”. Dessa forma, a idade média de casamento no país esconde esse movimento duplo que sinaliza uma certa desigualdade, também no que diz respeito ao momento de juventude e passagem para a vida adulta (CAMARANO, 2006).

A literatura mostra que um dos nodos cruciais do curso de vida das pessoas e um evento muito importante na transição para a vida adulta é a saída da casa paterna e o ingresso numa residência própria. Tal mudança requer independência financeira, funcional e emocional, representando, então, um salto em direção a diferenciação das figuras paternas e um marco para a maioria dos adultos. Entretanto, tal aspecto depende diretamente de outros fatores, como a saída da escola e a entrada no mercado de trabalho, possibilitando, assim, uma independência financeira que irá capacitar a mudança de domicílio e a possível construção de uma nova família. (HENRIQUES, 2003).

O interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa deu-se devido a questionamentos pessoais que me estimularam a explorar em diversos artigos tal assunto, a fim de uma melhor compreensão desse difícil processo que é deixar de ser criança e colocar-se de forma independente no mundo, processo este de tornar-se adulto.

Sendo assim questiona-se com base na literatura sobre o tema, quais seriam os aspectos que caracterizam o processo de transição para a vida adulta?

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A literatura científica menciona que o processo de transição da adolescência para a vida adulta se configura como complexo, uma vez que tende a ser estabelecido em um contexto de maior dependência em relação aos pais. Levando em conta que vários fatores podem influenciar essa transição, pergunta-se com base na literatura sobre o assunto, quais seriam os aspectos que caracterizam o processo de transição para a vida adulta?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender, a partir da literatura científica, quais são os aspectos que caracterizam o processo de transição dos jovens para a vida adulta.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as variáveis que facilitam ou dificultam o momento de passagem para a fase adulta;
- Descrever o que leva os jovens a realizarem essa transição de forma socialmente esperada ou tardia;
- Verificar os elementos que marcam o processo de transição para a vida adulta.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente trabalho será desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura, que corresponde a uma síntese de vários estudos realizados anteriormente, justificada por critérios de inclusão e exclusão explícitos. Além disso, também mostra as lacunas a serem preenchidas com a realização de novos estudos sobre determinada área do conhecimento (MENDES; SILVEIRA; GALVAO, 2008). A literatura analisada foi coletada nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), O portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES).

As informações descritas abaixo foram retiradas dos próprios sites:

A biblioteca eletrônica SciELO provê Acesso Aberto (AA) aos conteúdos de periódicos científicos. Os periódicos são organizados em coleções nacionais e temáticas. Cada coleção é gerida por uma organização científica reconhecida nacionalmente. O conteúdo dos periódicos compreende artigos de pesquisa, artigos de revisão, comunicações relacionadas à pesquisa, estudos de caso, editoriais e outros tipos de texto que são geralmente identificados como documentos dos quais a seleção e publicação são de inteira responsabilidade dos periódicos.

O portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) é uma fonte da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-

Psi ULAPSI) e fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP) e do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, que cedeu a metodologia - Scientific Electronic Library Online (SciELO) - modelo de publicação eletrônica de periódicos para países em desenvolvimento. O objetivo do PePSIC é contribuir para a visibilidade do conhecimento psicológico e científico gerado nos países da América Latina, a partir da publicação de revistas científicas em acesso aberto.

O Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza às instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional no que diz respeito a teses e dissertações.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Esta pesquisa buscou compreender, a partir do levantamento bibliográfico, quais os aspectos que influenciam no processo de transição para a vida adulta, uma vez que se trata de um processo complexo e que se estabelece cada vez mais com maior dependência da família de origem.

O jovem, hoje, está convivendo com a ausência de segurança no campo profissional e afetivo, de forma a encontrar suporte na vida em família. Assim, ele enfrenta o contraste entre o desamparo do “mundo lá fora” e o conforto na casa da família, uma vez que em casa tem-se proporcionado cada vez mais diálogo entre os membros (HENRIQUES, 2003).

O processo de separação entre pais e filhos afeta toda a família, pois ela passa a identificar sentimentos novos ou diferentes e a perceber sentidos diferenciados (HENRIQUES, 2003). No entanto, é uma experiência importante para a individuação dos filhos.

Este estudo, portanto, pretende colaborar com o conhecimento da comunidade acadêmica e também profissionais psicólogos que podem deparar-se com dilemas e questões dessa temática nas diversas áreas e contextos da psicologia, permitindo a expansão do entendimento do assunto a fim de compreender como é hoje esse processo de transição para vida adulta, suas principais características e também dificuldades.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta monografia está organizada em sete capítulos, sendo o primeiro capítulo a introdução do trabalho, onde estão também expostos o problema norteador da pesquisa, seus objetivos, sua delimitação, relevância e organização.

O segundo capítulo refere-se à revisão de literatura que embasou teoricamente o trabalho. Tal capítulo está dividido em: O início da vida adulta; Aspectos relacionados à formação de identidade na vida adulta; Qualidade dos vínculos familiares; Mudanças no relacionamento com os pais; Relacionamentos íntimos e conjugais; Saída da casa dos pais e a juventude prolongada e Entrada no mercado de trabalho.

No terceiro capítulo encontra-se o método que foi utilizado como embasamento da pesquisa. Para tanto, são expostos o tipo de pesquisa, procedimento para coleta de dados e procedimento para análise de dados.

O quarto capítulo, intitulado como Resultados, procura demonstrar o que foi alcançado a partir da pesquisa. O quinto capítulo diz respeito às considerações finais do estudo e no sétimo capítulo são expostas as Referências utilizadas na pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O INÍCIO DA VIDA ADULTA

São vários os fatores que medem a maturidade do ser humano, seja ela sexual, cognitiva ou psicossocial. Entretanto, torna-se cada vez mais difícil medir com precisão quando uma pessoa se torna adulta. No Brasil, há uma resposta simples para essa indagação no que diz respeito ao aspecto legal. Aos 18 anos de idade o indivíduo em nosso país já está apto para votar, dirigir e é considerado moralmente capaz de responder pelos seus atos na justiça, tornando-se então, neste caso, independente de seus pais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Segundo a literatura científica, os indivíduos se tornam adultos quando são capazes de responder por si mesmos, ou quando escolhem ter uma carreira, casam-se ou possuem um relacionamento significativo para estabelecer uma família. Por outro lado, a maturidade psicológica pode ser compreendida de forma mais complexa. Depende de realizações, como descobrir a própria identidade, torna-se independente dos pais e construir um sistema de valores interno. De acordo com Papalia e Feldman (2013), fatores ainda mais abstratos podem ser usados para medir a maturidade adulta, como o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal, ou seja, não se tratam apenas de eventos isolados e não devem ser cumpridos em uma idade pré-estabelecida.

Para a comunidade leiga, entretanto, alguns fatores já caracterizam o estabelecimento da vida adulta como: aceitar a responsabilidade por si mesmo; tomar decisões independentes e tornar-se financeiramente independente (ARNETT, 2006). Ao longo do tempo tais critérios vão sendo alterados, dependendo também da região em que tal processo é analisado. Em países industrializados, antes da metade do século XX, um homem já era considerado adulto ao sair da casa dos pais, casar-se e ao arrumar um emprego, já no que diz respeito às mulheres, tal maturidade já era considerada logo no casamento.

A partir da década de 1950, a educação universitária e tecnológica passou a ser cada vez mais essencial devido aos avanços tecnológicos. As idades em que homens e mulheres costumavam se casar e ter o primeiro filho se estenderam consideravelmente. Hoje, o ingresso para a vida adulta é caracterizado por inúmeras partes e fases, e a ordem e o momento de tais transições podem variar consideravelmente (SCHULENBERG et al., 2005).

Em relação ao aspecto cognitivo, o jovem adulto passa do Estágio aquisitivo, em que as crianças e os adolescentes adquirem informação e habilidades principalmente por seu próprio valor ou como preparação para participação na sociedade, para o Estágio realizador, que ocorre

no final da adolescência ou início dos 20 anos até o início dos 30. Assim, os jovens adultos não adquirem mais o conhecimento por seu próprio valor, mas utilizam o que sabem para atingir próprias metas como carreira profissional e família (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Até a década de 1970, na maioria dos países ocidentais, esperava-se uma certa linearidade nos modelos de desenvolvimento da vida dos indivíduos. Era esperado que após a sociabilidade desenvolvida na infância em que havia grande dependência dos pais, aos 15 anos era chegada à adolescência. Um momento de rompimento de laços com a família e de maior interação com os pares da mesma idade. Após esse período, era esperado que dos 18 aos 25 anos o jovem completasse a passagem de amadurecimento para a entrada na vida adulta. A partir daí, diversos ocorridos marcariam a existência do indivíduo até a sua morte, sendo eles: o primeiro emprego, o casamento, a chegada do primeiro filho, o ninho vazio, a aposentadoria e a viuvez (CAMARANO, 2006).

A partir dos anos 1980, entretanto, a vida adulta começou a sofrer diversas mudanças e esse momento de passagem perdeu sua nitidez e consistência ao longo dos anos. A infância passa a ser mais curta e a adolescência se estende de forma com que o jovem adulto compreenda sua passagem apenas quando se sente seguro para entrar no mercado de trabalho, o que pode ocorrer após os 30 anos e a chegada do primeiro filho pode vir a ser beirando os 40, sendo então o processo da chamada meia idade também estendido para os 60 anos (CAMARANO, 2006).

No Brasil, coexistem dois fenômenos que vem ocorrendo a partir dessa década. De um lado ocorre uma antecipação na idade de chegada do primeiro filho e de outro há uma parcela da população seguindo o modelo de prolongamento da juventude. Dessa forma, a idade média de casamento no país esconde esse movimento duplo que sinaliza uma certa desigualdade que ocorre no país, também no que diz respeito ao momento de juventude e passagem para a vida adulta (CAMARANO, 2006).

Quando a entrada na vida adulta ocorre de maneira antecipada, há um movimento de experimentação e exploração reduzido por parte desses jovens. Tanto no que diz respeito a educação e preparo para o mercado de trabalho, quanto no quesito afetividade, o que pode levar também ao aumento da desigualdade e persistência da pobreza no país (CAMARANO, 2006).

Segundo a literatura estudada, tal período de transição se caracteriza por diversos aspectos que estruturam o que compreendemos como vida adulta. Alguns dos aspectos envolvidos na passagem da adolescência para a vida adulta serão apresentados a seguir:

2.1.1 Aspectos relacionados à formação de identidade na vida adulta

Segundo Erikson (1972), a identidade se forma acerca de três questões primordiais: a escolha de uma ocupação profissional, a incorporação de valores nos quais acredita e deseja seguir e a formação de uma identidade sexual satisfatória. A identificação pessoal se torna clara, portanto, quando, a partir da adolescência, o indivíduo escolhe as pessoas e os valores aos quais ser fiel e não depende mais de aceitar as escolhas determinadas pelos pais. Afinal, ainda quando crianças é importante confiarmos em quem cuida de nós, porém, a partir da adolescência, é importante que sejamos nós mesmos dignos de nossa confiança.

Erikson (1972) baseia sua teoria na psicanálise, porém, difere dos principais teóricos da linha por acreditar num processo de formação identitária prolongado ao longo da vida, e não determinado e encerrado na infância. Enfatiza a ideia de que o desenvolvimento humano se baseia, portanto, nos contextos socioculturais e o ser-humano é, então, resultado de uma interação entre si e seu meio.

Erikson (1998) determina em sua teoria Psicossocial, dois polos na formação da identidade dos indivíduos. A identidade do ego-polo-positivo e a difusão de identidade-polo-negativo. O polo positivo só ocorre quando o jovem se torna capaz de escolher a quais valores será fiel e percebe como suas realizações possuem um significado em sua cultura.

O contexto social em que os jovens estão inseridos hoje, permite uma enorme gama de opções, o que de um lado é positivo, pois permite com que o jovem tenha maiores chances de conhecer a si próprio a partir de um maior conhecimento do mundo. Por outro, a vasta quantidade de possibilidades e informações pode deixá-los confusos ao escolher suas opções.

De forma a melhor demarcar as etapas desse processo de construção da identidade, Marcia (1966), identificou a ocorrência de quatro estágios diferenciados apoiados na teoria de Erikson sobre o desenvolvimento do Ego (1998). Tais estágios foram denominados por Marcia (1966) como: difusão, pré-fechamento, moratória e identidade estabelecida.

O estágio de difusão é caracterizado pela falta de compromisso com as próprias escolhas e também como um período em que não há exploração de alternativas, uma fase em que não há, portanto, nenhum comprometimento e nenhuma crise; O estágio de pré-fechamento caracteriza-se pela presença compromisso com as próprias escolhas, porém sem nenhum questionamento e exploração prévia de alternativas, ou seja, há comprometimento, porém, nunca houve crise; Já o estágio de moratória define-se como um período em que o indivíduo se encontra em uma busca por novas alternativas e diferentes ocupações em seu contexto social, porém ainda não há um compromisso com as próprias escolhas, ou seja, uma fase em que ainda

não há comprometimento, mas há crise e, por fim, o estágio de identidade estabelecida é definido como a fase em que o indivíduo se encontra certo de seus valores e ideais, em que houve previamente um debate em torno de importantes questões de sua vida e assim encontra-se agora com um compromisso consciente e autônomo de suas escolhas, ou seja, um período de comprometimento em que não há mais crise (MARCIA, 1966).

Dentro da perspectiva proposta pelos dois autores, o início da vida adulta permite uma moratória, ou seja, um momento de alívio das pressões do desenvolvimento e um caminho para a experimentação de vários papéis e estilos de vida. Entretanto, tal fase representa o ponto de partida essencial, a partir do qual os compromissos do papel adulto gradualmente se organizam e se estruturam. Segundo Papalia e Feldman (2013), após o período de revolução industrial, a busca ativa por identidade tem se estendido cada vez mais até o início da vida adulta, portanto, jovens adultos encontram-se ainda em crise e trajando seu percurso em busca da identidade estabelecida.

Hoje, devido a esse processo mais alongado, apenas um terço dos jovens ocidentais passa pelo que Marcia (1966) denominou de estágio de moratória, sendo que 15% tende a regredir nesse período e metade não sofre nenhuma mudança. O que costuma ocorrer, é que muitos jovens adotam uma postura passiva e não ativa e exploratória, e deixam, muitas vezes, os pais continuarem comandando suas vidas.

Em relação aos grupos minoritários, o processo de formação de identidade se torna um pouco diferente da população branca. Muitos deles devem assumir responsabilidades adultas mais cedo. Muitos também tendem a valorizar mais as relações íntimas e sentem-se responsáveis por auxiliar seus familiares a se sustentarem. Podem ainda sofrer maior pressão para casar, ter filhos e sair da casa de origem, ou a entrar no mercado de trabalho sem antes passar pela universidade. Assim como também devem lidar com a identidade social de outra forma, uma vez que alguns podem morar longe de seu local de origem, com outras culturas e podem vir a questionar as próprias tradições culturais. Dessa forma, para alcançarem uma identidade social segura, devem buscar compreender-se como grupo étnico e como parte de uma sociedade ampla (PHINNEY, 2006).

2.1.2 Qualidade dos vínculos familiares

Todo ser humano deseja ser apreciado, e desde criança internaliza a aceitação dos pais na forma de uma personalidade forte e autoconfiante. Entretanto, se os pais se demonstram apáticos ou retraídos, a tendência é de o indivíduo manter esse anseio de maneira arcaica. Os

adultos tendem a suprimir esse desejo de atenção de forma a alternadamente rompe-lo quando na presença de uma audiência receptiva (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Um adulto seguro e capaz de se manter sozinho e de se amar geralmente teve a sorte de crescer com pais apreciativos, já uma criança privada de atenção poderá se tornar um adulto sedento por apreciação externa. A forma como um adulto se relaciona, hoje, com as pessoas ao seu redor, muito tem a ver com as primeiras relações estabelecidas na infância. Os relacionamentos com os outros, então, se baseiam nas nossas expectativas iniciais (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Segundo Nichols e Schwartz (2007), Melanie Klein, em sua teoria, sugere que a primeira impressão que o bebê possui pela mãe não se dá baseada apenas em experiências reais, mas ao invés disso, se baseia na fantasia. Para ela, quando a mãe é apreciativa e nutridora, a criança sente-se bem, já quando a mãe a frustra, ela se sente mal. Quando essa criança é exposta a extrema frustração, ela passa a dissociar, a fim de evitar ansiedade, dando origem ao eu bom, eu mal e outro eu. Essas situações irão basear as respostas do adulto às novas relações interpessoais futuras.

Segundo Winnicott (1965a), para progredir, é necessário um ambiente facilitador. Para ele, esse ambiente não precisa ser ideal, mas deve haver uma maternagem suficientemente boa. É, então, importante que os próprios pais se sintam seguros a fim de prover um desenvolvimento seguro para o ego do bebe. A mãe, precisa ser suficientemente segura para canalizar as energias para o bebê, mantendo sua atenção nele.

A proximidade física e canalizada a um único objeto de identificação mostrou-se como aspecto crucial para o desenvolvimento do bebê, que será a base para os relacionamentos objetivos futuros na idade adulta. É necessário ao bebê, portanto, um estágio de fusão e identificação total com a mãe para que seja constituído um self sólido (WINNICOTT, 1965a).

Se esse desenvolvimento inicial for suficiente e bom, o bebê gradativamente precisará menos da mãe e desistirá dela com o passar do tempo. Durante o processo, a criança ainda pode adotar um objeto transicional para aliviar essa perda, podendo ser uma manta ou um brinquedo ao qual a criança se agarra no lugar da mãe. Esse objeto é um lembrete que acalenta e mantém a mãe viva até o seu retorno (WINNICOTT, 1965a).

Após essa fase, a criança começa a dar seus primeiros passos longe da mãe, uma vez que esta se permitiu suficientemente segura para o filho. De acordo com Nichols e Schwartz (2007), é nesse processo de separação da mãe que ocorrem as primeiras introjeções objetivos, se

tal separação for bem realizada, a criança irá se estabelecer até a idade adulta como um ser independente. É necessário que a mãe também tolere a separação e a crescente independência do filho. Se ocorrer da mãe ficar ansiosa com esse processo ou a criança excessivamente dependente, a criança não conseguirá se desenvolver e tornar-se um adulto amadurecido.

Ao longo do desenvolvimento, a criança vai deixando de ver a vida com fantasias e idealizações de um self grandioso e de pais perfeitos e passa a ter uma integração a uma personalidade mais madura, em que tais ilusões vão sendo abrandadas. A autoestima toma lugar da visão de grandiosidade e os pais passam a se tornar a base dos valores internos (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Dentro dessa perspectiva, a família se desenvolve, então, a partir dos processos individuais de cada um e das personalidades que as constituem. Uma família mais feliz e harmoniosa deve vir, portanto, de pais adultos maduros e sadios (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

2.1.3 Mudanças no relacionamento com os pais

Dentre as diversas mudanças que ocorrem na vida adulta, está a relação com os pais. É muito importante que os jovens concluam a negociação de autonomia iniciada na adolescência e redefinam suas relações com os pais como relações adultas. Os pais que não se atentam a essas mudanças podem impedir o desenvolvimento natural dos filhos. (AQUILINO, 2006).

É muito importante que os pais tenham empatia e ofereçam apoio no início da vida adulta dos filhos, pois embora não sejam mais crianças, o apego ainda é muito forte e fundamental para o desenvolvimento (AQUILINO, 2006).

Durante o início da vida adulta, entretanto, não somente o apoio emocional, mas o apoio financeiro também é de extrema importância para que os filhos se consolidem melhor nesse período, especialmente no quesito educação, aumentando suas chances de sucesso profissional no futuro (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Papalia e Feldman (2013) sugerem que o relacionamento de pais e filhos jovens adultos se desenvolve melhor quando esse adulto está seguindo o curso esperado da vida, quando não está mais morando na casa de origem, mas que adiou também o papel da maternidade até que os outros papéis adultos estivessem melhor estabelecidos.

A qualidade desse relacionamento também pode ser afetada pelo relacionamento entre os pais. Quando o adulto jovem se vê preso entre um relacionamento conflitante, passando

mensagens entre os pais, numa tentativa de amenizar os conflitos, pode resultar em consequências bastante negativas, como níveis mais altos de sintomas internalizados e pensamentos depressivos. (AQUILINO, 2006).

Em relação a filhos adultos que continuam a morar com os pais, esses podem ter problemas em renegociar seu relacionamento. Esse processo costuma ser gradual e levar muitos anos, uma vez que esses filhos também tendem a ser dependentes financeiramente dos pais (AQUILINO, 2006).

2.1.4 Relacionamentos íntimos e conjugais

Erikson (1973) considera a formação de relacionamentos íntimos no início da fase adulta de extrema importância para esse período. As pessoas se tornam íntimas quando vão compartilhando histórias e aceitando e respeitando as necessidades do outro mutuamente. São relacionamentos que envolvem autocrítica, capacidade de resolver conflitos e manter compromissos assim como de comunicar emoções. Tais habilidades são fundamentais para quando os jovens adultos decidem se relacionar e ter ou não ter filhos.

Segundo mesmo autor, dentre as relações íntimas, a amizade durante as primeiras fases da vida adulta é considerada mais instável pela quantidade de mudanças que há nesse período, inclusive mudança de cidades. As amizades dessa fase tendem a focalizar-se no ambiente de trabalho e universidades, compartilhando trocas de experiências e conselhos. Algumas amizades são extremamente íntimas e apoiadoras, e podem ser consideradas mais estáveis do que muitos relacionamentos conjugais.

Embora a tendência do número e quantidade de tempo passado junto com amigos seja de diminuir ao longo da vida do adulto jovem, continua sendo de extrema importância o apoio dos amigos nesse período, uma vez que pessoas com amigos tendem a se sentir melhores e mais felizes (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Muitos adultos jovens possuem amizades íntimas e incorporam esses amigos a sua rede familiar, como se fossem parentes fictícios ou a família psicológica da pessoa.

Em relação aos relacionamentos íntimos amorosos, Papalia e Feldman (2013), apontam que há três elementos essenciais para a constituição de um bom vínculo: intimidade, que é o elemento emocional, paixão, que é o elemento motivacional, e compromisso, que é o elemento cognitivo. O grau sentido por cada um desses elementos influenciará no tipo de amor que será criado ao longo de suas histórias de vida.

Para Erikson (1973), a formação de uma identidade segura é fundamental para que se estabeleçam relações íntimas de qualidade. Além disso, o fator comunicação também é essencial. Casais que se comunicam costumam ser mais satisfeitos em seus relacionamentos, e o estado de realização de identidade está vinculado a sentimentos mais fortes de companheirismo, afeição e apoio emocional.

A partir da primeira metade do século XX, os modelos de relacionamentos passaram a ser mais flexíveis na maioria dos países ocidentais. Os jovens estão se casando mais tarde e muitos possuem filhos fora do casamento. Alguns permanecem solteiros e outros se divorciam e talvez se casem novamente. Desse modo, compreende-se que os estilos de vida conjugais se dão de maneiras variadas e podem ser analisados de diversas formas nos dias atuais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Entre 1970 e 2006, as taxas de formações de matrimônios caíram consideravelmente em quase todos os países e em uma pesquisa realizada nos EUA, revela-se que triplicou a proporção de jovens solteiros de 25 a 34 anos no mesmo período. Observa-se que alguns adultos jovens ainda não se casaram pois consideram que não encontraram o parceiro ideal, outros não se casam por opção. Outra justificativa é que esses jovens estejam adiando o momento do casamento e da chegada do primeiro filho por motivos de instabilidade econômica (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

No que se refere aos relacionamentos homossexuais, há uma abertura cada vez maior que permitiu novos arranjos matrimoniais nos últimos anos. Isso se mostra muito importante, uma vez que o apoio dos amigos e familiares fortalece os vínculos e a aceitação do casal entre si aumentando a duração do relacionamento. (KURDEK, 2008)

O casamento ainda hoje oferece, idealmente, maior intimidade, compromisso, amizade e afeto entre os pares, assim como uma forma de ressignificação de identidades e autoestima. Mesmo que tenha sido afetado por diversas mudanças demográficas e econômicas, ainda é hoje um modelo que representa a idade adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013)

Entretanto, hoje, os jovens pensam em casamento de maneira diferente dos jovens do século passado. Enxergam o a tradicionalidade do casamento com divisão rígida de papéis não mais conveniente para os dias atuais, esperando maior espaço para buscas individuais de identidade e não mais amarradas ao matrimônio (PAPALIA; FELDMAN, 2013)

Portanto, observa-se, então, que o casamento não é mais um passo inevitável para a vida adulta, mas acredita-se que para ser casado, espera-se que a pessoa já seja, de fato, adulta. Por

sua vez, muitos jovens acreditam que a independência financeira e a conquista de um bom emprego são ainda um grande obstáculo (PAPALIA; FELDMAN, 2013)

2.1.5 A saída da casa de origem e a juventude prolongada

Ao longo do tempo as famílias estão se reorganizando em novos arranjos, e as mudanças são cada vez mais complexas, tanto no que se refere ao papel que os membros desempenham quanto a sua configuração. As famílias tradicionais patriarcais estão sendo substituídas por famílias monoparentais ou mesmo sem filhos. Esses novos arranjos são marcados pelas novas relações geracionais e de gênero que também se tornam cada vez mais reconhecidas (GOLDANI, 2005).

Para os jovens atualmente, o casamento formal não se torna mais condição imprescindível para a saída do domicílio de origem, mesmo considerando sua importância para a constituição familiar. Muitos jovens da Europa e América do Norte tem evitado o momento da saída da casa de origem e optado pelo prolongamento da co-residência com os pais (DEVOS, 1989).

Grandes mudanças marcam as idades dos 18 aos 30 anos para a maioria dos jovens de países desenvolvidos. É durante esse período que se obtém uma formação educacional e se constroem os alicerces para o futuro profissional. Quando chega a idade de 30 anos, grande parte dos jovens já escolheu o que querem para suas vidas, sendo, portanto, a fase de maiores lembranças também até o fim da idade adulta (CAMARANO, 2006).

A sociedade foi se industrializando e conseqüentemente aumentaram-se os níveis de escolarização de forma a crescentemente se configurar não só um período de transição para a vida adulta, mas uma nova fase distinta no ciclo de vida. Época de legitimar maior exploração de relacionamentos afetivos, formas de trabalho e visão de mundo no geral (ARNETT, 2000).

Na década de 1970, a idade de casamento para jovens homens era de 23 anos e para as mulheres, 21. Em 1996 a idade de casamento dos homens já havia passado dos 27 anos e para as mulheres, 25. Outro ponto a ser analisado é que a população com escolaridade média subiu de 14% para 60% de 1940 a 1990, o que ocasionou uma série de mudanças nas sociedades industrializadas. Constituindo, assim, uma nova fase no ciclo de vida, e não apenas uma fase em transição, diferente da adolescência e também da vida adulta. (ARNETT, 2000).

Nessa fase preparatória de amadurecimento para a fase adulta, é interessante observar três mudanças da adolescência no que diz respeito ao processo de formação de identidade, sendo elas: trabalho, amor e visão de mundo. Os adolescentes passam a se distanciar mais da família e a procurar encontrar-se com colegas da sua idade em média aos 12 anos. Nesses encontros, são trocadas noções culturais e de relacionamento de amizade, valores e comportamentos relacionados a sexualidade. Quando se prepara para a entrada na fase adulta, a exploração do amor se intensifica de forma mais íntima. Nesse período inicial antes da vida adulta, os relacionamentos passam a ser menos recreativos e começa a exploração de parceiros com que se tenha maior vínculo emocional e físico (CAMARANO, 2006).

Segundo mesma autora, durante a adolescência, o trabalho é visto como forma de liberdade e obtenção do próprio dinheiro, já na fase de prolongamento, é visto como preparação ocupacional focada cada vez mais nesses papéis de aperfeiçoamento para o futuro.

No Brasil, entretanto, apesar das condições de vida terem melhorado substancialmente desde os anos 1980, os processos educativos e oportunidades de emprego sempre se mostraram em defasagem em comparação aos países mais desenvolvidos em que se vê a prolongação da juventude. Por esses motivos, o país se encontra numa fase diferente, e caracteriza-se, portanto, como uma passagem antecipada e compactada, embora uma pequena parcela mais escolarizada apresente comportamento mais próximo do que se observa na maioria dos países desenvolvidos. (CAMARANO, 2006).

De acordo com a autora, é fato que a progressão na educação seja um dos maiores motivos para o prolongamento juvenil. No Brasil mesmo a educação continuada já é presente e recorrente no país e faz parte do estilo de vida de várias pessoas.

Esse fenômeno de permanência prolongada na casa de origem, também conhecido como fenômeno da “Geração Canguru” constitui-se nas esferas da família e do contexto social. Henriques (2003), constata diversos fatores que influenciam a ocorrência desse fenômeno, dentre eles estão a liberdade de sexo na casa dos pais, conforto desfrutado com o padrão de vida da casa dos pais, o adiamento do casamento e compromissos afetivos entre os pares, bem como o apego e dificuldade de separação entre pais e filhos.

Dessa forma, o jovem adulto, frente ao quadro de incertezas das experiências afetivas, do mundo do trabalho e social, optaria, cada vez mais, em permanecer na casa de origem. Sendo assim, estaria evitando conflitos ao enfrentar a realidade fora dos domínios familiares. Existindo, então, nesse jovem, um medo de não se encaixar e se encontrar na sociedade um lugar estável, assim como no mundo do trabalho, preferindo, portanto, permanecer estudando.

Com isso, o universo familiar tempera, de certa forma, as dificuldades encaradas por esses jovens na vida social (FERES-CARNEIRO; HENRIQUES, 2004).

2.1.6 Entrada no mercado de trabalho

O momento de entrada no mercado de trabalho é um marco fundamental para o processo de transição para a vida adulta. Isso porque tal situação possibilita que outras condições para a passagem para a vida adulta, de fato, se efetivem. A partir do primeiro emprego, a pessoa encontra maior autonomia em relação ao seu grupo familiar de origem, o que irá possibilitar independência material, contribuindo para maior consistência no momento de constituir uma nova família (CAMARANO, 2006).

O mercado de trabalho, no entanto, está cada vez se modificando mais e se tornando mais vasto e menos estável. Enquanto as gerações passadas poderiam contar com uma entrada rápida nesse mercado e com uma contratação mais segura, estendendo-se até a aposentadoria, hoje, esse padrão de emprego se torna cada vez mais escasso. Os jovens tendem a trabalhar cada vez mais por conta própria e de forma independente, uma vez que se deparam com um mercado mais competitivo e mais exigente de mão de obra especializada (CORCORAN; MATSUDAIRA, 2005).

O fim da trajetória escolar está intimamente relacionado com as expectativas em torno do ingresso no trabalho, como um passaporte que possibilita a obtenção da carreira. Desse modo, o fato de ingressar no mercado de trabalho estaria sendo uma continuidade do processo educacional juvenil, ou seja, da trajetória de saída do sistema escolar, pensados, então, como partes de um mesmo processo de individuação (SILVA, 2003).

Somente no final do século XIX, nos países europeus, que um sentido social foi dado a passagem entre os estados de estudante para trabalhado, pois antes disso, a escolarização não era obrigada para todos. Como as universidades não eram disponíveis para grande parte da população, tal trajetória de estados não era capaz de ser dita ainda socialmente como um processo de transição (CAMARANO, 2006).

O progressivo desligamento da família é o que faz com que o jovem adquira um status social próprio que se dá justamente por esse momento de entrada no mercado de trabalho e ao que dele se rende, tornando-se, então, provedor de si mesmo e assim podendo ser também de sua própria família que viria a ser constituída (SILVA, 2003).

A transição escola-trabalho, dependerá, portanto, do modo como são constituídas as diferentes sociedades e seus sistemas educativos. Os modelos que oferecem uma formação mais técnica abrem portas e promovem um engajamento profissional diferenciando-se de uma educação básica generalista (CAMARANO, 2006).

No Brasil parecemos estar mais engajados no modelo generalista. As credenciais dos trabalhadores servem aos seus chefes como uma forma de mencionar os possíveis custos adicionais que serão necessários para a incorporação do trabalhador. Há, portanto, um efeito perverso de sobreoferta de titulados e uma certa desvalorização das credenciais, portanto, menores são as chances dos menos educados (HASENBALG, 2003).

Por fim, compreende-se também que o trabalho influencia a vida diária dos indivíduos, na sua casa e sua família, podendo trazer sentimentos de satisfação, mas também de estresse. Empregos desafiadores promovem crescimento pessoal e cognitivo nos indivíduos. E para obter uma sucedida transição escola-trabalho é importante uma série de fatores, entre eles: competência, características pessoais como iniciativa e flexibilidade, relacionamentos pessoais positivos e ligações entre educação e emprego (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

3 MÉTODO

3.1 TIPO DE PESQUISA

O presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, tendo como método a revisão integrativa.

Segundo Gill, (2002), a pesquisa exploratória considera variados aspectos relativos ao fenômeno estudado, a fim de tornar o problema mais explícito ou construir hipóteses. Este tipo de pesquisa também possibilita a escolha de técnicas que são mais adequadas para que assim se decida sobre questões que são necessárias atenção e uma investigação detalhada.

Revisão Integrativa compreende a síntese de diversos estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos. Após a definição dos objetivos específicos, o pesquisador deve formular questionamentos e testar hipóteses a serem respondidas, além de realizar a busca para coletar o máximo de pesquisas relevantes dentro dos critérios pré-estabelecidos. Dessa forma, a revisão integrativa consiste na construção de uma análise ampla da literatura, discutindo sobre métodos e resultados de pesquisa e reflexões sobre a realização de estudos futuros (MENDES; SILVEIRA, GALVÃO, 2008).

A pesquisa bibliográfica é constituída a partir de material já publicado, sendo eles principalmente: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, monografias, dissertações e teses, tendo como objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto pesquisado (PRODANOV; FREITAS, 2013).

3.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008), as seguintes etapas foram utilizadas para o procedimento de coleta de dados:

1ª) Identificação do tema ou questão de pesquisa:

A pesquisa foi realizada a partir da formulação clara de uma pergunta a ser respondida. Essa, por sua vez, está relacionada aos objetivos da pesquisa.

2ª) Estabelecimento de critérios de inclusão/exclusão de estudos para a composição da amostra de fontes bibliográficas que engloba as seguintes informações:

Utilizou-se como bases eletrônicas para a pesquisa: Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), e banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os descritores utilizados foram: “Transição para a vida adulta”, “Geração canguru” e “Saída da casa dos pais”

Os critérios de inclusão foram: artigos científicos indexados nestes bancos de dados, em português, completos, disponíveis online e com os descritores propostos acima.

Os critérios de exclusão utilizado para o descarte dos estudos foram: os artigos que não apresentaram como objetivo principal o processo de transição para a vida adulta. Foram selecionados, então, 11 artigos e 3 dissertações de mestrado produzidas no período de 2008 a 2019.

3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados tem como objetivo organizar e sumarizar as informações de maneira concisa e segue com as demais etapas elaboradas por Mendes, Silveira e Galvão (2008):

1ª) Categorização dos estudos: a definição de informações foi extraída das fontes bibliográficas selecionadas. Nessa fase as informações foram identificadas e organizadas em categorias de análise, conforme o problema de pesquisa e os objetivos (gerais e específicos).

2ª) Avaliação dos estudos incluídos na Revisão Integrativa: nessa etapa foram extraídas informações e respostas para cada uma as categorias estabelecidas na fase anterior.

Os resultados encontrados foram, então, divididos em duas categorias principais: Os aspectos formais dos artigos que possuem características quantitativas e estão relacionadas às seguintes informações: nº de fontes bibliográficas encontradas, ano de publicação, quantidade de publicações, autores ou revistas que mais publicaram. E, por último, os aspectos do conteúdo, que abordam informações qualitativas e estão diretamente relacionados aos objetivos específicos da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados é exposta na forma de quadros e dividida em: Aspectos Formais e Aspectos de Conteúdo. No apêndice A é apresentado um quadro resumo de cada uma das fontes selecionadas de modo a favorecer uma melhor compreensão dos resultados.

4.1 ASPECTOS FORMAIS

A seguir serão apresentados os aspectos formais, que abordam informações quantitativas.

Quadro 1 - Base de Dados

BASES DE DADOS	ARTIGOS (N)	DISSERTAÇÕES (N)
Scielo	9	-
Pepsic	2	-
CAPES	-	3
TOTAL	11	3

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos aspectos formais foi possível encontrar 11 artigos e três dissertações, publicadas entre os anos de 2008 e 2019. Dentre eles, nove foram encontrados na Scielo, 2 deles foram encontrados no Pepsic e as três dissertações foram encontradas no banco de teses da CAPES. Além disso, é também importante observar que não foi encontrada nenhuma tese de doutorado.

Quadro 2 - Número de Publicações por Ano

ANO	PUBLICAÇÕES (N)
2008	1
2009	2
2010	2
2012	1
2013	1
2014	2
2016	3
2018	2
2019	1
TOTAL	15

Fonte: Dados de Pesquisa

De acordo com o quadro, os anos 2009, 2010, 2014, 2016 e 2018 foram os anos que possuem mais publicações sobre o processo de transição para a vida adulta, em relação aos outros anos.

Nos anos 2011, 2015 e 2017 não se contatou nenhuma produção com o tema transição para a vida adulta e os anos de 2008, 2012, 2013 e 2019 foram os anos que menos obteve-se produções com relação ao tema abordado.

Tais informações sugerem que ainda há pouco interesse em estudar tal tema, uma vez que ainda aos poucos os periódicos encontrados na área.

Quadro 3 - Periódicos

PERIÓDICOS	LOCAL	N
Revista Estudos de Psicologia (Campinas)	São Paulo	1
Revista Trends in Psychology	Ribeirão Preto	1
Revista Saúde e Sociedade	São Paulo	1
Revista Psicologia: Ciência e Profissão	Brasília / DF	1
Revista Psicologia USP	São Paulo	1
Revista brasileira de estudos de população	São Paulo	1
Revista Sociologia e Antropologia	Rio de Janeiro	1
Revista Horizontes Antropológicos	Porto Alegre	1
Revista Psicologia Reflexão e Crítica	Porto Alegre	1
Revista Barbaroi	Santa Cruz do Sul	1
Revista interinstitucional de Psicologia	Minas Gerais	1
TOTAL	-	1

Fonte: Dados de Pesquisa

Dos 11 periódicos encontrados, nenhuma das revistas publicou sobre o tema mais de uma vez, o que reafirma que esse tema ainda é pouco estudado pela psicologia no Brasil. Dentre os estados que mais se encontram material estudado estão São Paulo e Rio Grande do Sul, o que sugere serem os estados com maior interesse pelo tema abordado.

Quadro 4 - Dissertações e Teses

UNIVERSIDADE	DISSERTAÇÃO
Universidade de Minas Gerais	1
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	1
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1

Fonte: Dados de Pesquisa

As três dissertações encontradas concentram-se na região Sudeste, o que reforça mais uma vez um interesse pelo tema focalizado nas regiões Sul e Sudeste.

4.2 ASPECTOS DE CONTEÚDO

A seguir serão apresentadas as informações qualitativas extraídas dos artigos selecionados. Tais artigos estão diferenciados por códigos e descritos em quadros dispostos nos apêndices.

Quadro 5 - Tipos de Pesquisa

NATUREZA DA PESQUISA	Nº	CÓDIGOS
Revisão Integrativa	4	A1, A2, A3, A10
Pesquisa de Campo	5	A4, A8, A9, A11, T2
Pesquisa Exploratória Descritiva	4	A6, A7, T1, T3
Estudo de Caso	1	A5

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o quadro apresentado, observa-se que a Pesquisa de Campo é o tipo de pesquisa de maior preferência dentre os estudos selecionados, totalizando cinco artigos e uma tese de mestrado. Quatro estudos utilizaram da Pesquisa Exploratória Descritiva e outros quatro são Revisão Integrativa. Por fim, consta-se apenas um Estudo de Caso, o que aponta que é o tipo de pesquisa menos utilizada para o tema estudado.

Quadro 6 - Objetivos

CÓDIGO	OBJETIVOS
A1	Analisar as produções acadêmicas dos últimos 25 anos acerca do tema transição para a vida adulta, com foco na “geração canguru”.
A2	Mapear a produção científica dos últimos dez anos de programas de intervenção para favorecer o processo de emancipação de adolescentes que deixam o sistema de proteção por motivos de maioridade.
A3	O objetivo deste artigo é o de discutir como um antigo rito de passagem enfrenta a aragens da modernidade.
A4	O objetivo desse artigo é empreender uma discussão teórica relacionando os riscos na internet com os ritos de passagem no tempo lógico da adolescência.
A5	O objetivo deste artigo é explorar a centralidade da mediação semiótica na experiência dos jovens, focalizando o movimento por meio do qual eles reconfiguram sua cultura pessoal, seu sentido de si mesmo, e constroem e consolidam um sistema de valores capaz de organizar suas relações com o contexto e, também, direcionar suas ações futuras.
A6	O artigo busca analisar a decisão dos jovens de sair da casa dos pais, sair da escola e entrar no mercado de trabalho, com o objetivo de identificar se o bom desempenho da economia brasileira entre 2003 e 2011 promoveu a aceleração dessas transições para a vida adulta.
A7	Analisar as transições para a vida adulta e os aspectos de mudança social-demográficas de 1996 e 2008 no Brasil.
A8	Este artigo tem como objetivo analisar os processos de transição para a fase adulta do ciclo de vida a partir de entrevistas realizadas com jovens, de ambos os sexos, moradores no Rio de Janeiro.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 6 – Objetivos (continuação)

CÓDIGO	OBJETIVOS
A9	Este artigo tem como objetivo compreender a experiência de pais, que vivenciam essa fase de transição para a vida adulta dos filhos.
A10	O objetivo desse artigo é indicar aspectos que configuram o processo de permanência do filho adulto jovem no lar parental, especificamente no que diz respeito à relação com sua família de origem.
A11	O objetivo do artigo é examinar as percepções de jovens adultos sobre os desafios e as oportunidades vivenciados na transição para a vida adulta e as mudanças ocorridas nas relações com os membros da família
T1	O objetivo do artigo é mostrar, através dos dados brasileiros disponíveis, a situação em que se encontram os filhos adultos que vivem na casa paterna, em relação à concretização de eventos ligados à transição para a vida adulta.
T2	O objetivo da tese é investigar as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida afetiva e os planos para o futuro dos jovens adultos que moram com os pais.
T3	O objetivo da tese é verificar alguns fatores associados à saída dos jovens brasileiros do domicílio de origem. Considerando jovens aqueles que tinham entre 15 e 34 anos na data de referência da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o quadro exposto acima, conclui-se que a maior parte dos estudos selecionados possuem como objetivo a realização de uma análise de como é a vivência dos adultos que ainda moram na casa de origem relacionando os eventos ligados à transição para a vida adulta, como é o caso de T2, T1, A10 e A1.

Outro objetivo que é bastante abordado consiste na verificação dos desafios e oportunidades vivenciados na transição para a vida adulta, em especial nos relacionamentos familiares, como é apresentado nos estudos A11, A10 e A5.

Também deve ser destacada a presença de objetivos que buscam compreender o fenômeno da transição para a vida adulta relacionado às mudanças demográficas e econômicas ocorridas no país, como pode-se observar em A6 e A7.

Quadro 7 - Instrumentos e Participantes

CÓDIGO	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS
A4	Foram realizados semanalmente encontros em grupo com dez adolescentes com idades entre 13 e 15 anos coordenados por uma psicóloga. A escolha dos participantes foi realizada pela escola e o critério utilizado foi convidar alunos que tinham se envolvido em algum episódio relacionado às redes sociais.	Utilizou-se a conversação de orientação psicanalítica.
A5	O artigo fez parte de um projeto de pesquisa dividido em três rodadas com diferentes jovens, entretanto, no artigo há apenas o relato do estudo de caso realizado com Jane entre seus 16 a 23 anos de idade.	No presente artigo foram relatadas apenas as entrevistas com a jovem <i>Jane</i> – ao longo do período que vai dos 16 aos 23 anos de idade.
A6	Jovens de todas as regiões metropolitanas brasileiras, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 34 anos.	Foram utilizados os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2003 e 2011.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 7 - Instrumentos e Participantes (continuação)

CÓDIGO	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS
A7	Este artigo restringe a análise aos homens e mulheres entre 12 e 30 anos para os quais há casos validos para todas as variáveis utilizadas nas análises. Assim, a amostra contém informações para 4.905 indivíduos.	As análises apresentadas neste artigo se utilizam dos dados da Pesquisa de Padrões de Vida (PPV) coletada em 1996 e da Pesquisa Dimensões Sociais das Desigualdades (PDSD) coletada em 2008. A PPV e uma pesquisa domiciliar representativa das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil e, assim, e representativa de 85% da população brasileira. Coletada entre 1996-1997,4 a PPV e uma amostra de 4.900 domicílios selecionada a partir de todos os domicílios que constituem a população brasileira.
A8	Consiste em seis homens e cinco mulheres jovens e solteiros com curso superior completo, residentes no Rio de Janeiro e com idades entre 20 e 30 anos.	Um roteiro de entrevistas que abarca as trajetórias de vida referentes à modalidade de classe e transição para a vida adulta.
A9	Foram entrevistados pais e mães de classe média, residentes no Rio de Janeiro, cujos filhos têm entre 15 e 26 anos.	Entrevistas dirigidas.
A11	Participaram 13 jovens adultos (idade entre 20 e 28 anos), sendo sete mulheres e seis homens do estado do Rio de Janeiro.	Utilizou-se a técnica de coleta de dados com grupo focal e análise de conteúdo.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 7 - Instrumentos e Participantes (continuação)

CÓDIGO	PARTICIPANTES	INSTRUMENTOS
T1	Não se aplica.	Utilizou-se dados da única pesquisa brasileira que permite investigar eventos ligados à transição para a vida adulta, por meio de informações retrospectivas e de perguntas diretas que abordam a ocorrência dos eventos e a idade em que eles foram concretizados, que é a Pesquisa Sobre Padrões de Vida (PPV) 1996-1997.
T2	Foram entrevistados 8 sujeitos das camadas médias da população carioca, com idades entre 26 e 35 anos e que moram com os pais.	Utilizou-se entrevista semiestruturada, que contemplou temas relevantes, relativos ao prolongamento da convivência familiar.
T3	Não se aplica.	Utilizou-se dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), foi feita uma análise descritiva dos jovens de 15 a 34 anos residentes em áreas urbanas do Brasil para anos 1986, 1996 e 2006 e, em seguida, modelos de regressão logística para 1996 e 2006.

Fonte: Dados da pesquisa

A maior parte dos estudos de pesquisa de campo recrutaram como participantes jovens com idades entre 20 e 35 anos, como se pode observar nos estudos T2, A11 e A8, assim como adolescentes e jovens entre 12 a 34 anos nos estudos A7, A6 e A5. Apenas no estudo A9 participaram pais de jovens adultos.

Em relação aos instrumentos utilizados nas pesquisas, observa-se que a maior parte consiste em entrevistas que abarcam a história de vida dos jovens e adolescentes, como é colocado em T2, A9, A8 e A5. Outros instrumentos comumente utilizados foram a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), presente em T3 e A6, e a Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV), encontrada nos estudos T1 e A7.

Quadro 8 - Resultados e Conclusões

CÓDIGO	RESULTADOS/CONCLUSÕES
A1	Diante da análise de material publicado nos últimos 25 anos sobre o tema, observou-se que muitos autores tiveram dificuldade de reconhecer que num contexto marcado por complexidade e instabilidade, privilegiar um senso de normalidade na psicologia do desenvolvimento pode ser uma ferramenta perigosa para a concepção do que é ser adulto hoje em dia. Acredita-se ser a família canguru uma possibilidade de arranjo doméstico que não coloca, obrigatoriamente, dúvidas quanto à condição adulta dos filhos. Também se propõe o termo plural “gerações-canguru” de forma a ampliar o olhar sobre os significados da coabitação entre pais e filhos na fase madura do ciclo vital familiar.
A2	Conclui-se que para favorecer o processo de transição os programas devem ter duração continuada; aliar treinamento em habilidades para a vida independente com acompanhamento sócio emocional e inserção comunitária; respeitar as diferenças individuais dos participantes e considerá-los como agentes ativos na tomada de decisões.
A3	No artigo conclui-se que há idades normativas que demarcam as diferentes fases de vida mantêm alguma estabilidade, porém, se para ser jovem, adulto ou idoso e se há um reconhecimento social dos marcadores de passagem de uma a outra fase de vida, também é certo que a realidade dos fatos questiona as normas que os tentam regular. Assim, um idoso que se reforme pode, por necessidade de sobrevivência ou outras, continuar a exercer uma atividade profissional; da mesma forma, um jovem que por efeito de uma inserção profissional ou de um casamento passa normativamente à condição de adulto, pode, a qualquer momento, divorciar-se ou ver-se no desemprego, retornando à condição de filho economicamente dependente dos pais.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 8 - Resultados e Conclusões (continuação)

CÓDIGO	RESULTADOS/CONCLUSÕES
A4	O artigo considera que, na atualidade, os impasses da operação de passagem se exprimem pela profusão de atos de caráter sacrificial que a juventude apresenta, contando com o papel decisivo da visibilidade proporcionada pelas tecnologias digitais. As conversações demonstraram a importância de se oferecer espaços de palavra aos adolescentes, fora do ambiente virtual, para que eles possam produzir um saber sobre as suas experiências <i>on-line</i> , uma vez que o adolescente busca um Outro humanizado que, com a sua presença, autentique a sua palavra, acolhendo no laço social o que ele porta de mais singular.
A5	No artigo buscou-se compreender a juventude não como uma etapa universal de desenvolvimento, mas a partir de processos psicológicos e sociais de transição entre a infância e a fase adulta e que dependem das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Ressaltou-se que o movimento de construção de um sistema de valores, sobretudo aqueles associados ao binômio <i>liberdade-responsabilidade</i> , parece ser um dos eixos fundamentais da experiência de “ser jovem” na nossa cultura. Por fim, observou-se que a jovem construiu uma nova configuração do sistema do <i>self</i> e moldou seu futuro em meio a um processo de <i>autorregulação</i> semiótica. Isso leva a compreensão de que os processos de autorregulação presentes nas transições dos jovens, bem como na experiência humana de forma geral, podem tanto <i>promover</i> , facilitar, quanto <i>inibir</i> transformações no sistema do <i>self</i> ao longo do tempo.
A6	Os resultados do artigo sugerem uma quebra com o paradigma do prolongamento da juventude amplamente discutido nas últimas décadas: houve uma aceleração da transição para a vida adulta no período analisado. A análise descritiva para 2003 e 2011 mostrou que a proporção de jovens em regiões metropolitanas morando com os pais manteve-se estável para mulheres e elevou-se apenas para homens com mais de 25 anos, uma mudança no padrão de aumento significativo que vinha ocorrendo entre 1970 e 2000. Entretanto, considera-se que somente o tempo irá dizer se o período entre 2003 e 2011 foi realmente um divisor de águas ou apenas um interstício da tendência ao prolongamento da juventude.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 8 - Resultados e Conclusões (continuação)

CÓDIGO	RESULTADOS/CONCLUSÕES
A7	O estudo aponta que no Brasil, as décadas de 1980, 1990 e 2000 caracterizaram-se por altos níveis de desigualdade e ausência de crescimento econômico, por um lado, e expansão dos direitos civis e acesso à educação, por outro. A mais poderosa mudança foi o acesso à escola, que afetou sobremaneira o momento das transições. A partir de meados da década de 1990, o fornecimento de vagas nas escolas aumentou de modo significativo. Esta mudança teve um enorme efeito nos padrões de entrada na vida adulta na medida em que diminuiu consideravelmente as diferenças de classe e gênero nas transições da vida produtiva e reprodutiva. Além disso, essas mudanças institucionais podem ser consideradas fatores importantes na própria diminuição das desigualdades econômicas. Os dados sobre transição para a vida adulta analisados nesse artigo indicam claramente que houve diminuição da desigualdade de classe de origem, de gênero, entre áreas rurais e urbanas, e entre o Sudeste e o Nordeste.
A8	No artigo conclui-se que a passagem para a vida adulta está entrelaçada ao projeto de mobilidade social que é apreendido através da história da família e do próprio indivíduo entrevistado. A liberdade, a valorização da intimidade individual, o acesso à educação, a possibilidade de independência financeira através do trabalho e a distinção em relação à geração dos pais são elementos apresentados como fundamentais nesse movimento de transições de classe e de níveis de maturidade. O artigo ainda coloca que é possível ser jovem e adulto ao mesmo tempo. Ter independência e depender afetivamente da família; ter filho e não casar; ser responsável economicamente pela família e almejar sua privacidade; conviver com as suas incertezas subjetivas e objetivas e a dos pais.
A9	No estudo conclui-se que os pais participam dos processos de transição dos filhos, oferecendo suporte à autonomia dos seus filhos jovens, relativizando a diferença hierárquica ao se aproximarem mais deles. Não é mais a relação inicial da infância, que demandava cuidados físicos de sobrevivência, sendo caracterizada pela total dependência. Observou-se que se trata, agora, de um novo tipo de relação de cuidado que, mesmo considerando o aumento da autonomia, exerce o papel de apoio ao crescimento do filho.

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 8 - Resultados e Conclusões (continuação)

CÓDIGO	RESULTADOS/CONCLUSÕES
A10	<p>Conclui-se que, hoje, há uma variação na fase do ninho vazio, em que os pais costumavam ficar sozinhos no lar, para o “ninho cheio”, em que a família permanece toda residindo em conjunto. Compreende-se que o comportamento dos filhos, de permanecerem na casa dos pais, pode não representar um transtorno para a família. Ao invés disso, o adulto jovem frente à realidade externa da família e com os obstáculos para a saída de casa, apontados no artigo, estaria optando por permanecer na casa dos pais e esse comportamento não só seria aceito, como, em algumas famílias, seria incentivado pelos pais, através de mordomias e regalias que outrora não seriam admitidas. Por fim, o fenômeno do “ninho cheio” parece mais característico da classe média já que esse prolongamento da juventude não ocorreu com tanta frequência nas classes menos favorecidas.</p>
A11	<p>Os resultados do artigo indicaram que as trajetórias vivenciadas pelos jovens adultos são plurais e influenciadas por suas condições socioculturais e econômicas. A permanência prolongada na residência parental pode resultar tanto em conflitos e sentimentos de ambivalência quanto em solidariedade intergeracional entre os membros da família. As informações obtidas com o estudo poderão auxiliar futuros programas de intervenção preventivos e de promoção de saúde mental com os jovens adultos e seus familiares.</p>
T1	<p>Na análise do artigo pode-se observar que as transições no âmbito da família são decisivas e fundamentais na adoção de papéis de adulto, tanto de filhos quanto de filhas, pois, entre outros aspectos, elas refletem a maneira como adquirem independência em relação aos pais. Observa-se, também, que a transição da juventude para a idade adulta vem sendo associada, na totalidade ou em parte, aos cinco eventos tradicionais que ocorrem ao longo da vida dos indivíduos e é influenciada por fatores culturais, sociais, econômicos e demográficos atuantes na sociedade e na família. Porém, durante as últimas décadas, novas modalidades de transições originaram mudanças estruturais e biográficas, responsáveis pela troca no padrão das transições dos jovens adultos, fazendo com que elas passem de um padrão linear, como visto na transição convencional, para um padrão de incertezas, que apresenta possibilidades de reversão, onde os jovens entram e saem de qualquer evento, por diversas vezes.</p>

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 8 - Resultados e Conclusões (continuação)

CÓDIGO	RESULTADOS/CONCLUSÕES
T2	<p>Na análise da tese pode-se verificar que os sujeitos destacam como vantagens de viver com os pais a questão econômica, a organização, a praticidade, o diálogo e o alento. Como desvantagens, eles apontam para a falta de privacidade e o sentimento de não pertença à casa da família. A vida profissional dos sujeitos é marcada por experiências de curto prazo e pelo medo em relação ao futuro. Porém, alguns sujeitos buscam no emprego público a garantia de uma vida mais estável. Já a vida amorosa dos entrevistados, é caracterizada principalmente pela flexibilidade dos laços amorosos. O quadro instável da atualidade, enfim, produz medo e insegurança nos sujeitos. Constatamos que diante dessa realidade, é comum que o jovem evite fazer planos para o futuro a fim de proteger-se contra possíveis frustrações.</p>
T3	<p>Na análise da tese observa-se elevada e crescente proporção de co-residência entre jovens adultos e seus pais, sendo a maioria composta por jovens da raça/cor branca e do sexo masculino, que possuíam alto nível de escolaridade e que trabalhavam. Houve também um aumento na proporção de homens que não trabalhavam nem estudavam e viviam com os pais. Diferentemente dos homens, em 2006 havia mais mulheres ocupando a posição de responsáveis pelo domicílio e um crescente aumento na proporção de cônjuges que trabalhavam. Os resultados das regressões logísticas revelam que, em 1996 e controlando pelas demais covariáveis, os pardos e pretos tinham menos chance de deixar o domicílio de origem se comparados com os brancos. Já em 2006, os negros tiveram chance maior de deixar o domicílio comparado aos brancos. Não ter mãe viva foi um importante fator para aumentar a chance de o jovem constituir um domicílio independente, uma vez que a mãe é a responsável por proporcionar a comodidade da “casa, comida e roupa lavada” aos filhos e, na sua ausência, a atratividade do ambiente familiar poderia ser reduzida.</p>

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o quadro, é possível observar que parte dos resultados e conclusões apresentados nos estudos analisados pontuaram que a juventude não é uma etapa universal do desenvolvimento, mas se estrutura a partir de processos psicológicos e sociais de transição entre a infância e a fase adulta e que além disso, dependem das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito.

A maioria dos estudos postula que a transição da adolescência para a vida adulta é influenciada por fatores sociais, culturais, econômicos e demográficos atuantes na sociedade e na família, como pode ser observado em T1, A11, A8 e A6. Além disso, T1, A8 e A6 apontam que novas modalidades de transições originaram mudanças estruturais e biográficas, que foram responsáveis pela troca no padrão das transições dos jovens adultos, fazendo com que elas passassem de um padrão linear, para um padrão de incertezas, que apresenta possibilidades de reversão, onde os jovens entram e saem de qualquer evento, e por diversas vezes retornam à casa dos pais.

Pode-se observar no quadro, que boa parte dos estudos revela que há crescente proporção de co-residência entre jovens adultos e seus pais, sendo a maioria composta por jovens da raça/cor branca e do sexo masculino, com mais de 25 anos e que possuem alto nível de escolaridade e trabalham, como é exposto em T3, A10 e A6.

T2 relata que o quadro econômico instável da atualidade causa medo e insegurança nos sujeitos, levando muitos jovens a evitarem planos futuros com a finalidade de se protegerem contra possíveis frustrações. Dessa forma, há também uma maior permanência desses filhos na residência parental, e segundo o estudo A10, tal comportamento não só seria aceito, como, em algumas famílias, seria incentivado pelos pais.

Segundo os estudos T1, A11, A10 e A9, as transições no âmbito da família são decisivas e fundamentais na adoção de papéis de adulto dos filhos, pois, entre outros aspectos, elas refletem a maneira como adquirem independência em relação aos pais. Também se conclui que a participação dos pais nos processos de transição dos filhos, oferecendo suporte à autonomia e relativizando a diferença hierárquica ao se aproximarem mais deles favorece o processo de transição para a fase adulta. Tal relação não deve ser como a relação inicial da infância, que demandava cuidados físicos de sobrevivência, sendo caracterizada pela total dependência, mas sim, um novo tipo de relação de cuidado que, mesmo considerando o aumento da autonomia, exerce o papel de apoio ao crescimento do filho.

Quadro 9 - Variáveis que facilitam ou dificultam o momento de passagem para a fase adulta

VARIÁVEIS QUE DIFICULTAM	VARIÁVEIS QUE FACILITAM	CÓDIGOS
<p>- Segundo o A2, crescer longe da família é uma variável que dificulta o processo de transição para a vida adulta. Jovens em acolhimento institucional, por exemplo, enfrentam um desafio de transição mais rápido e abrupto para a vida adulta, para qual na maioria das vezes não estão preparados.</p> <p>- Segundo o A3, nas sociedades antigas existiam ritos de passagens que marcavam a transição, como o casamento ou a obtenção de um emprego. Hoje, entretanto, esses traços são mais flexíveis e desconstruídos. Observamos, portanto, um alongamento de todas as fases e momentos de transição.</p> <p>- De acordo com o A5, processos de autorregulação podem tanto facilitar quanto dificultar a transição para a vida adulta. Desse modo o senso de responsabilidade que vai se desenvolvendo ao final da adolescência pode ser também inibidor dos processos de mudança, dificultando, assim a mudança no campo do self e consequentemente o processo de entrada na fase adulta.</p> <p>- Para o A7, o fator desigualdade é o que mais permanece moldando padrões distintos de transição, em uma sociedade com menor desigualdade socioeconômica do que o Brasil, os padrões de transição seriam moldados especialmente pela idade e não tanto por preferências e necessidades individuais.</p>	<p>- Uma das variáveis que facilitam esse processo pode ser observada no A2, que enfatiza que uma preparação ainda na adolescência para esse momento de transição é muito eficaz, principalmente no que diz respeito a temas como educação e preparações para o mercado de trabalho.</p> <p>- Segundo o A4, o confronto com o limite simbólico desperta angústia, o que leva o adolescente ao risco. Dessa forma, cada adolescente precisa criar seu próprio rito de passagem rumo à vida adulta, uma variável que o auxiliaria, então, seria a inserção em grupos identitários.</p> <p>- Segundo o A5, a noção de responsabilidade aumenta com o final da adolescência, o que vem associado à necessidade de trabalhar e a preocupações em relação ao futuro. A construção de uma responsabilidade simbólica desde o final da adolescência é um marcador, então, da experiência de transição para a vida adulta e pode ser um grande facilitador dessa experiência, embora em alguns casos leve à rigidez e inibição de processos de mudança.</p>	<p>A2, A3, A4, A5, A7, A8, A9, A10,</p>

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 9 - Variáveis que facilitam ou dificultam o momento de passagem para a fase adulta (Continuação)

VARIÁVEIS QUE DIFICULTAM	VARIÁVEIS QUE FACILITAM	CÓDIGOS
<p>- Segundo o A8, há hoje uma flexibilização das identidades etárias, que quebram a linearidade sequencial das etapas da vida. Dessa forma, a transição “tradicional” para a vida adulta acaba sendo também muito mais flexível.</p> <p>- Segundo o A9 e A8, apesar do ensino superior representar para o jovem um esforço rumo a sua autonomia e independência, a exigência do mercado e de uma prolongada formação profissional não oferecem garantias de uma total independência em relação aos pais, podendo inclusive ser fator determinante para um prolongamento da dependência.</p> <p>- De acordo com o A10, a dificuldade dos pais em elaborar o luto da infância dos filhos, significando a separação dos pais reais assim como das figuras parentais internalizadas, é um importante fenômeno que dificulta o processo de transição dos jovens. Da mesma forma, o cuidado inadequado na infância pode gerar ansiedades de separação dos filhos com seus cuidadores, fato este que pode se prolongar até a vida adulta.</p>	<p>- De acordo com o A7, uma variável importante que auxilia no processo de transição depende das políticas de Estado, como a expansão dos direitos trabalhistas e educacionais, que permitem maiores oportunidades, igualdade e liberdade para o jovem fazer suas escolhas.</p> <p>- Conforme o A7 e A8, elementos como liberdade, independência financeira através do trabalho e distinção em relação à geração dos pais são variáveis fundamentais para que se ocorra o processo de transição para uma fase mais madura, a fase adulta.</p> <p>- Segundo o A8, dar continuidade aos estudos no ensino superior representa para muitos jovens um esforço para a conquista de sua autonomia e independência em relação a sua família.</p> <p>- De acordo com o A10, as relações familiares quando acolhedoras, podem facilitar para os filhos esse momento de transição. O apego seguro e a conexão emocional com os pais são fatores que favorecem a passagem dos jovens para a vida adulta, incrementando a autonomia.</p>	<p>A2, A3, A4, A5, A7, A8, A9, A10,</p>

Fonte: dados da pesquisa

Analisando o conteúdo exposto no quadro acima, no que diz respeito às variáveis que facilitam o processo de transição para a vida adulta, observa-se que fatores como liberdade, independência financeira através do trabalho e distinção em relação à geração dos pais são fundamentais para que se ocorra o processo de transição para uma fase mais madura, como é descrito nos estudos A7 e A8. Para Modell, Furstenberg e Hershberg (1976), a saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa da família de origem, casamento e estabelecimento de uma nova família são ritos fundamentais de passagem para a vida adulta.

De acordo com Papalia e Feldman (2013), fatores abstratos podem ser usados para medir a maturidade adulta, como o sentimento de autonomia, autocontrole e responsabilidade pessoal, ou seja, não se tratam apenas de eventos isolados e não devem ser cumpridos em uma idade pré-estabelecida. O estudo A5 também aponta que a noção de responsabilidade aumenta com o final da adolescência, fato este que vem associado à necessidade de trabalhar e a preocupações em relação ao futuro. Dessa forma, a construção de uma responsabilidade simbólica desde o final da adolescência pode ser um grande facilitador dessa experiência, embora em alguns casos leve à rigidez e inibição de processos de mudança.

Papalia e Feldman (2013) relatam que o momento de passagem se trata de uma nova fase de reconhecimento de si mesmo em que já não se é mais adolescente, mas também não está totalmente firmado nos papéis adultos. O estudo A4 coloca que é o confronto com o limite simbólico que desperta angústia. Assim, cada adolescente precisa criar seu próprio rito de passagem rumo à vida adulta e uma variável que o auxiliaria seria a inserção em grupos identitários.

De acordo com o estudo A8, a continuação dos estudos no ensino superior representa para muitos jovens um esforço para a conquista de sua autonomia e independência em relação a sua família, sendo uma variável que apesar de em vários casos ser uma das razões do prolongamento da fase de transição, pode também ser um fator que facilita a passagem para a vida adulta, uma vez que permite uma melhor estrutura para o embarque no mercado de trabalho. Segundo Corcoran e Matsudaira (2005), os jovens tendem a trabalhar cada vez mais por conta própria e de forma independente, justamente pois se deparam com um mercado mais competitivo e mais exigente de mão de obra especializada.

Segundo o estudo A10, as relações familiares quando acolhedoras, podem facilitar para os filhos esse momento de transição. De acordo com o que é postulado no artigo, o apego seguro e a conexão emocional com os pais são fatores que favorecem a passagem dos jovens para a vida adulta, incrementando a autonomia. Para Nichols e Schwartz (2007), um adulto seguro e

capaz de se manter sozinho e de se amar, teve a sorte de crescer com pais apreciativos, já uma criança privada de atenção poderá se tornar um adulto sedento por apreciação externa. A forma como um adulto se relaciona, hoje, com as pessoas ao seu redor, muito tem a ver com as primeiras relações estabelecidas na infância.

No que diz respeito às variáveis que dificultam o momento de transição para a vida adulta, observa-se que dois dos artigos estudados (A8 e A3) afirmam que há hoje uma flexibilização das identidades etárias, que quebram a linearidade sequencial das etapas da vida. Segundo eles, nas sociedades antigas existiam ritos de passagens que marcavam a transição, como o casamento ou a obtenção de um emprego. Hoje, entretanto, esses traços são mais flexíveis e desconstruídos, sendo perceptível, portanto, um alongamento de todas as fases e momentos de transição. Na década de 1970, a idade de casamento para jovens homens era de 23 anos e para as mulheres, 21. Em 1996 a idade de casamento dos homens já havia passado dos 27 anos e para as mulheres, 25 (ARNETT, 2000).

De acordo com Arnett (2000), a sociedade foi se industrializando conseqüentemente aumentaram-se os níveis de escolarização nesses países de forma a crescentemente se configurar não só um período de transição para a vida adulta, mas uma nova fase distinta no ciclo de vida. Seria época de legitimar maior exploração de relacionamentos afetivos, formas de trabalho e visão de mundo no geral, e tal prolongamento da idade juvenil pode ser medida pelo prolongamento da idade de casamento.

Para o estudo A7, o fator desigualdade é o que mais permanece moldando padrões distintos de transição no Brasil e no mundo. No Brasil, apesar das condições de vida terem melhorado substancialmente desde os anos 1980, os processos educativos e oportunidades de emprego sempre se mostraram em defasagem em comparação aos países mais desenvolvidos em que se vê a prolongação da juventude. Por esses motivos, o país se encontra numa fase diferente, e caracteriza-se, portanto, como uma passagem antecipada e compactada, embora uma pequena parcela mais escolarizada apresente comportamento mais próximo do que se observa na maioria dos países desenvolvidos. (CAMARANO, 2006).

De acordo com os estudos A9 e A8, apesar do ensino superior representar para o jovem um esforço rumo a sua autonomia e independência, a exigência do mercado e de uma prolongada formação profissional não oferecem garantias de uma total independência em relação aos pais, podendo inclusive ser fator determinante para um prolongamento da dependência. O mercado de trabalho está cada vez se modificando mais e se tornando mais vasto e menos estável. Enquanto as gerações passadas poderiam contar com uma entrada rápida

nesse mercado e contar com uma contratação mais segura, estendendo-se até a aposentadoria, hoje, esse padrão de emprego se torna cada vez mais escasso (CORCORAN; MATSUDAIRA, 2005).

Por fim, no estudo A10, observa-se que a dificuldade dos pais em elaborar o luto da infância dos filhos, é um importante fenômeno que dificulta o processo de transição dos jovens. Da mesma forma, o cuidado inadequado na infância pode gerar ansiedades de separação dos filhos com seus cuidadores, fato este que pode se prolongar até a vida adulta. Segundo Winnicott (1965a), para progredir, é necessário um ambiente facilitador. Para ele, esse ambiente não precisa ser ideal, mas deve haver uma maternagem suficientemente boa. É, então, importante que os próprios pais se sintam seguros a fim de prover um desenvolvimento seguro para o ego do bebê .

Quadro 10 - Variáveis que levam a uma transição natural/antecipada

VARIÁVEIS QUE LEVAM A UMA TRANSIÇÃO SOCIALMENTE ESPERADA	CÓDIGOS
<p>- Segundo o A3 e A4, os ritos de passagem são importantes marcadores para o processo de transição para a vida adulta. Possuem como função uma mudança radical no sentimento de identidade dos jovens iniciados, que ascendem a um novo status social: de adultos. Apesar de hoje estarem mais flexíveis, ainda representam um importante variável para o sucesso do processo de transição.</p> <p>- Segundo o A6, A7 e T1 é de particular relevância o crescimento econômico que ocorreu nas últimas décadas no país, pois permitiu melhores oportunidades de inserção do jovem no mercado de trabalho, e conseqüentemente, a formação de um lar próprio lar.</p> <p>- O A6 ainda aponta uma tendência maior de transição natural dos jovens para a vida adulta em países desenvolvidos como Alemanha e EUA, em que 35% a 45% dos homens de 18 a 33 ainda moravam com os pais, enquanto que em países como Brasil e Portugal oscilavam em 65% a 85% de permanência em 1990.</p> <p>- O A6 ainda coloca que existem fatores que sugerem uma padronização das trajetórias rumo à fase adulta, como a modernização das sociedades que favorece a formação de um lar próprio, a evasão do sistema de ensino, assim como o início no mercado de trabalho.</p> <p>- De acordo com o A7, uma transição não tardia possui mais chances de ocorrer em famílias com condições socioeconômicas mais baixas, pois os jovens não possuem tantas chances de permanecer na casa dos pais e receber o sustento deles por muito tempo como pode ocorrer em famílias de classe média e alta, por exemplo.</p> <p>- Ainda conforme o A7, a expansão dos direitos sociais (acesso à escola, regularização do trabalho, proteção trabalhista etc.) possuem forte impacto homogeneizador nos padrões de transição para a vida adulta. No Brasil a desigualdade de classe diminuiu significativamente de 1996 a 2008, o que permitiu um processo de transição mais saudável entre os jovens no geral.</p> <p>- O T1 aponta que filhos de pais divorciados tendem a buscar sua independência mais cedo, em especial os que vivem com padrastos ou madrastas.</p>	<p>A1, A2, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A10, A11, T1, T2</p>

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com o quadro acima, observa-se que uma variável relevante que leva a uma transição socialmente esperada é o fator de crescimento econômico e modernização das sociedades, como o que ocorreu nas últimas décadas no Brasil, pois permitiu melhores oportunidades de inserção do jovem no mercado de trabalho, e conseqüentemente, a formação de um lar próprio, como é exposto em T1, A6 e A7.

Segundo o estudo A6, a transição dos jovens para a vida adulta costuma ocorrer de forma mais esperada em países desenvolvidos como Alemanha e EUA, em que 35% a 45% dos homens de 18 a 33 ainda moravam com os pais. Enquanto que em países como Brasil e Portugal oscilavam em 65% a 85% de permanência em 1990.

Entretanto, Camarano (2006) contradiz o artigo apontando que a prolongação da juventude ocorre em especial em países desenvolvidos. Apesar das condições de vida terem melhorado no Brasil desde os anos 1980, os processos educativos e oportunidades de emprego sempre se mostraram em defasagem em comparação a esses países. Por esses motivos, o país se encontra numa fase diferente, e caracteriza-se, portanto, como uma passagem antecipada e compactada, embora uma pequena parcela mais escolarizada apresente comportamento mais próximo do que se observa na maioria dos países desenvolvidos.

Conforme o A7, a expansão dos direitos sociais (acesso à escola, regularização do trabalho, proteção trabalhista etc.) possuem forte impacto homogeneizador nos padrões de transição para a vida adulta. De acordo com o artigo, uma transição antecipada possui mais chances de ocorrer em famílias com condições socioeconômicas mais baixas, pois os jovens não possuem tantas chances de permanecer na casa dos pais e receber o sustento deles por muito tempo como pode ocorrer em famílias de classe média e alta, por exemplo. No Brasil a desigualdade de classe diminuiu significativamente de 1996 a 2008, o que permitiu um processo de transição mais saudável entre os jovens no geral.

Quadro 11 - Variáveis que levam a uma transição tardia

VARIÁVEIS QUE LEVAM A UMA TRANSIÇÃO TARDIA	CÓDIGOS
<p>- De acordo com A1, A6 e A7, as diferenças culturais, institucionais e econômicas entre localidades também afetam a propensão de uma transição tardia. A escassez de empregos e oportunidades, assim como estudo, que costumam ocorrer em países menos desenvolvidos são, portanto, variáveis que muito influenciam para esse processo tardio.</p> <p>- Um outro ponto a ser considerado no A6 e também presente no A9 é a dissolução cada vez maior do modelo tradicional em que o homem é provedor e a mulher cuida da casa, modelo esse que facilitava o casamento como um rito muito marcante no passado, mas que agora não é mais tão rígido.</p> <p>- Ainda é bastante salientado no A6, assim como no A1, A10, T1 e T2 o que diz respeito às constituições familiares. No passado, as sociedades de valores patriarcais não dispunham de espaço para a juventude pois o pai centralizava as decisões. Hoje, outras possibilidades de arranjo de família não mais tradicionais abriram um leque de oportunidade para esses jovens, inclusive permitindo a maior permanência e dependência da casa de origem.</p> <p>- Segundo o A3, um aspecto que leva a uma transição tardia é a dissolução de fronteiras ou dos chamados ritos de passagem que antigamente eram rígidos e bem definidos como o casamento ou a obtenção de um emprego. Hoje, entretanto, esses traços são mais flexíveis e desconstruídos.</p> <p>- Segundo o A4, A8 e T2, a heterogeneidade das sociedades atuais contribui para referências mais vagas e imprecisas, assim como uma maior permanência dos adolescentes numa fase lacunar. Para ambos, pais com renda mais alta, geralmente com curso superior completo, conseguem sustentar os filhos em casa por mais tempo.</p> <p>- Segundo o A6, existem muitas variáveis que contribuem para uma transição tardia para a vida adulta e uma maior permanência na casa de origem. Dentre elas podemos citar: taxa de desemprego, salário disponível entre jovens, custo de alugar ou comprar casa própria, provisão de educação pública pelo governo, grau de dificuldade em conseguir financiamento para educação etc.</p>	<p>A1, A2, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A10, A11, T1, T2</p>

Fonte: dados da pesquisa

Quadro 11 - Variáveis que levam a uma transição tardia (Continuação)

VARIÁVEIS QUE LEVAM A UMA TRANSIÇÃO TARDIA	CÓDIGOS
<p>- Um outro ponto a ser considerado no A6 e também presente no A9 é a dissolução cada vez maior do modelo tradicional em que o homem é provedor e a mulher cuida da casa, modelo esse que facilitava o casamento como um rito muito marcante no passado, mas que agora não é mais tão rígido.</p> <p>- Ainda é bastante salientado no A6, assim como no A1, A10, T1 e T2 o que diz respeito às constituições familiares. No passado, as sociedades de valores patriarcais não dispunham de espaço para a juventude pois o pai centralizava as decisões. Hoje, outras possibilidades de arranjo de família não mais tradicionais abriram um leque de oportunidade para esses jovens, inclusive permitindo a maior permanência e dependência da casa de origem.</p> <p>- O A6 coloca também que apesar da modernidade nas sociedades favorecer a transição, também pode ser fator que favorece uma passagem tardia, uma vez que os indivíduos estão menos restringidos a fatores tradicionalmente ligados à família, tendo então, maior poder decisório sobre a própria vida.</p> <p>- Segundo A9 e A10, apesar do ensino superior representar para o jovem um esforço rumo a sua autonomia e independência, a exigência do mercado e de uma prolongada formação profissional não oferecem garantias de uma total independência em relação aos pais, podendo inclusive ser fator determinante para um prolongamento da dependência.</p> <p>- De acordo com o A10, hoje os jovens vivem uma grande insegurança uma vez que veem sua dependência física depender diretamente de um salário, o que os faz buscar maior apoio e suporte dos pais antes de decidirem sair da casa de origem e construir uma estrutura própria.</p> <p>- Ainda de acordo com o A10, a transgeracionalidade pode ser um fenômeno determinante para um processo tardio de transição. No passado os pais saíam de casa mais cedo e hoje os filhos tende a buscar justamente o inverso desse processo, rejeitando o modelo familiar e assim buscando seu oposto.</p> <p>- Outro fator dificultador de uma transição natural ressaltado no A10 pode estar relacionado com o fluxo das ansiedades relacionados a vários aspectos como casamento, filhos, legados familiares, acidentes em geral etc.</p> <p>- A10 e A9 ainda colocam que o fator maior expectativa e qualidade de vida é também um facilitador para a transição tardia, uma vez que os jovens possuem a chance de se casar mais tarde e encontrar um emprego estável com mais calma pois se pode viver mais.</p>	<p>A1, A2, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A10, A11, T1, T2</p>

Fonte: dados da pesquisa

Em relação às variáveis que levam a uma transição tardia, observa-se no quadro que segundo A10 e A9 um dos fatores marcantes para esse fenômeno é a crescente expectativa e qualidade de vida nas sociedades modernas, uma vez que os jovens possuem a chance de se casar mais tarde e encontrar um emprego estável com mais calma pois se pode viver mais. Pode-se acrescentar ao fato o fenômeno da flexibilização dos ritos de passagem, como é descrito pelo estudo A3.

Tais ritos, que antigamente eram rígidos e bem definidos como o casamento ou a obtenção de um emprego, possuem como função uma mudança radical no sentimento de identidade dos jovens iniciados, que ascendem a um novo status social: de adultos. Entretanto, apesar de hoje estarem mais flexíveis, ainda representam um importante variável para o sucesso do processo de transição, de acordo com os estudos A3 e A4.

Segundo Erikson (1972), a identidade se forma acerca de três questões primordiais: a escolha de uma ocupação profissional, a incorporação de valores nos quais acredita e deseja seguir e a formação de uma identidade sexual satisfatória. A identificação pessoal se torna clara, portanto, quando, a partir da adolescência, o indivíduo escolhe as pessoas e os valores aos quais ser fiel e não depende mais de aceitar as escolhas determinadas pelos pais.

Erikson (1972), ainda afirma que o contexto social em que os jovens estão inseridos hoje, permite uma enorme gama de opções, o que de um lado é positivo, pois permite com que o jovem tenha maiores chances de conhecer a si próprio a partir de um maior conhecimento do mundo. Por outro, a vasta quantidade de possibilidades e informações pode deixá-los confusos ao escolher suas opções. Tal fato também é explorado no estudo A10, que aponta como uma variável que leva à transição tardia, o fluxo das ansiedades relacionados a vários aspectos identitários como casamento, filhos, legados e valores familiares etc.

Além disso, o estudo A10 aponta que hoje os jovens vivem uma grande insegurança uma vez que veem sua dependência física depender diretamente de um salário, o que os faz buscar maior apoio e suporte dos pais antes de decidirem sair da casa de origem e construir uma estrutura própria. De acordo com Camarano (2006), a partir do primeiro emprego, a pessoa encontra maior autonomia em relação ao seu grupo familiar de origem, o que irá possibilitar independência material, contribuindo para maior consistência no momento de constituir uma nova família.

De acordo com Corcoran e Matsudaira (2005), o mercado de trabalho, no entanto, está cada vez se modificando mais e se tornando mais vasto e menos estável. Para os estudos A9 e A10, a exigência do mercado e de uma prolongada formação profissional não oferecem

garantias de uma total independência em relação aos pais, podendo inclusive ser fator determinante para um prolongamento da dependência.

Observa-se, por fim, que as famílias tradicionais patriarcais estão sendo substituídas por famílias monoparentais ou mesmo sem filhos. Esses novos arranjos são marcados pelas novas relações geracionais e de gênero que também se tornam cada vez mais reconhecidas (GOLDANI, 2005).

Tal fenômeno é bastante salientado no estudo A6, assim como em A1, A10, T1 e T2. No passado, as sociedades de valores patriarcais não dispunham de espaço para a juventude pois o pai centralizava as decisões. Hoje, outras possibilidades de arranjo de família não mais tradicionais abriram um leque de oportunidade para esses jovens, inclusive permitindo a maior permanência e a dependência da casa de origem, favorecendo, portanto, um processo de transição tardio

Quadro 12 - Elementos que marcam o processo de transição para a vida adulta.

MARCADORES DA VIDA ADULTA	CÓDIGOS
<p>- Segundo o estudo A3, a passagem para a chamada idade adulta ainda é delimitada por diversos marcadores, dentre eles estão a obtenção de um primeiro emprego, o casamento e o nascimento do primeiro filho.</p> <p>- De acordo com o estudo A4, em muitas culturas a passagem para a vida adulta é marcada por uma única cerimônia e, a partir dela, a criança já é considerada adulta. Para outras culturas, no entanto, essa transição costuma durar anos.</p> <p>- Ainda segundo o estudo A4, os marcadores possuem caráter de modificação radical do sentimento de identidade dos indivíduos iniciados, que ascendem a um novo status social, de adultos. Eles asseguram a transmissão social e o reconhecimento do sujeito pelo grupo.</p> <p>- Para o estudo A5, o elemento que marca a passagem para a vida adulta é a construção de responsabilidade simbólica que vem junto ao final da adolescência. Trata-se de uma construção que organiza o sistema de valores e de tempo nesse novo momento de vida.</p> <p>- Segundo o estudo A6, os elementos que marcam o processo de transição são deixar de ser estudante, começar a trabalhar, sair do domicílio de origem, casar e ter filhos, não necessariamente nessa ordem.</p> <p>- Ainda segundo o A6, são diversas as variáveis que podem influenciar para que esses elementos venham a se estruturar. Variáveis como custo de alugar ou comprar residência própria, taxa de desemprego, provisão de educação pública pelo governo etc. podem ser determinantes.</p> <p>- De acordo com o estudo A7, marcadores dos ciclos de vida são regulados por algumas instituições. Concluir os estudos, por exemplo, é regulado pelas escolas, que definem mais ou menos a idade que se pode concluir aquela fase de ensino. A entrada no mercado de trabalho também é regida por leis que definem uma idade mínima de ingresso.</p> <p>- Para o estudo A8, valorização da intimidade individual, acesso à educação, independência financeira através do trabalho e distinção em relação à geração dos pais são elementos fundamentais que marcam o movimento de transição.</p> <p>- Segundo o estudo A11, a adultez é marcada por possibilidades, exploração da identidade, autofoco, ambivalência e instabilidades que decorrem do fato de o jovem se manter apresentando características da adolescência como dependência econômica, emocional e residencial da família de origem.</p> <p>- De acordo com o estudo T1, a transição para a vida adulta é marcada por eventos específicos, como saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa de origem, casamento e formação de uma nova família, não necessariamente na mesma ordem.</p>	<p>A3, A4, A5, A6, A7, A8, A11, T1</p>

Fonte: dados da pesquisa

É possível observar no quadro acima que boa parte dos estudos analisados concluem que há uma série de marcadores determinados que delimitam a chamada passagem para a fase adulta, tais como: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa de origem, casamento e formação de uma nova família, como é exposto nos estudos T1, A8, A6 e A3. De acordo com Papalia e Feldman (2013), os indivíduos se tornam adultos quando são capazes de responder por si mesmos, ou quando escolhem ter uma carreira, casam-se ou possuem um relacionamento significativo para estabelecer uma família.

De acordo com o estudo A6, há algumas variáveis que podem influenciar para que esses elementos venham a se estruturar, como custo de alugar ou comprar residência própria, taxa de desemprego e provisão de educação pública pelo governo etc. podem ser determinantes.

Para a comunidade leiga, entretanto, alguns fatores já caracterizam o estabelecimento da vida adulta como: aceitar a responsabilidade por si mesma; tomar decisões independentes e tornar-se financeiramente independente (ARNETT, 2006). Já segundo os estudos A11 e A6, a adultez é marcada por possibilidades, exploração da identidade, autofoco, ambivalência e instabilidades que decorrem do fato de o jovem se manter apresentando características da adolescência como dependência econômica, emocional e residencial da família de origem.

Ao longo do tempo tais critérios vão sendo alterados, dependendo também da região em que tal processo é analisado. O estudo A4 aponta que em muitas culturas a passagem para a vida adulta é marcada por uma única cerimônia e, a partir dela, a criança já é considerada adulta. Para outras culturas, no entanto, essa transição costuma durar anos. Arnett (2006) acrescenta que em países industrializados, antes da metade do século XX, um homem já era considerado adulto ao sair da casa dos pais, casar-se e ao arrumar um emprego, já no que diz respeito às mulheres, tal maturidade já era considerada no casamento.

Segundo os estudos A4 e A5 os marcadores, também conhecidos como ritos de passagem, possuem caráter de modificação radical do sentimento de identidade dos indivíduos iniciados, que ascendem a um novo status social, de adultos. Eles asseguram a transmissão social e o reconhecimento do sujeito pelo grupo.

Nessa fase preparatória de amadurecimento para a fase adulta, observa-se três mudanças da adolescência no que diz respeito ao processo de formação de identidade, sendo elas: trabalho, amor e visão de mundo. Os adolescentes passam a se distanciar mais da família e a procurar encontrar-se com colegas da sua idade em média aos 12 anos. Nesses encontros, são trocadas noções culturais e de relacionamento de amizade, valores e comportamentos relacionados a sexualidade. Já no período inicial antes da vida adulta, os relacionamentos

passam a ser menos recreativos e começa a exploração de parceiros com que se tenha maior vínculo emocional e físico (CAMARANO, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição para a vida adulta, como foi visto anteriormente, trata-se de um processo caracterizado por eventos específicos, também conhecidos como marcadores. Tais eventos não possuem uma ordem definida, entretanto, é possível dizer que certamente, um após o outro, nos remetem ao que compreendemos como o mundo dos adultos, como: saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa de origem e a construção de uma nova família.

Dessa forma, é difícil afirmar “quando” e “como” o indivíduo se torna adulto na nossa sociedade, pois envolve uma série de aspectos que movem o jovem de uma dependência emocional e financeira para com os pais até o processo de desvinculação e a formação de um novo lar.

Essa fase de transição é considerada um momento de descoberta de si mesmo e de testar novas formas independentes e criativas de ver o mundo. Entretanto, tal período pode ser muitas vezes confuso por tratar-se de uma fase em que já não se é mais adolescente, mas também não está totalmente firmado nos papéis adultos.

Diante disso, o presente estudo objetivou a compreender, a partir da literatura científica, quais são os aspectos que caracterizam o processo de transição dos jovens para a vida adulta. A partir daí, buscou-se identificar as variáveis que facilitam ou dificultam o momento de passagem para a fase adulta, descrever o que leva os jovens a realizarem essa transição de forma socialmente esperada ou tardia e verificar os elementos que marcam o processo de transição.

Os objetivos descritos foram todos alcançados por meio de uma pesquisa descritiva, bibliográfica voltada à Revisão Integrativa na qual foram encontrados 11 artigos, três dissertações de mestrado e nenhuma tese de doutorado.

No que diz respeito às variáveis que facilitam o processo de transição para a vida adulta, observa-se que fatores como liberdade, independência financeira através do trabalho e distinção em relação à geração dos pais são fundamentais para que se ocorra o processo de transição para uma fase mais madura. De acordo com os estudos, cada adolescente precisa criar seu próprio rito de passagem rumo à vida adulta e uma variável que o auxiliaria seria a inserção em grupos identitários. Parte dos estudos ainda apontam que o apego seguro e a conexão emocional com os pais são fatores que favorecem essa passagem.

No que diz respeito às variáveis que dificultam o momento de transição para a vida adulta, dois dos artigos estudados afirmam que os ritos de passagem, que nas sociedades antigas determinavam a fase de transição, como o casamento por exemplo, hoje encontram-se mais

flexíveis, tornando essa fase mais fluida e alongada, o que quebra, inclusive, a linearidade sequencial das etapas da vida.

Para parte dos estudos, o fator desigualdade é o que mais permanece moldando padrões distintos de transição no Brasil e no mundo. Além disso, outros estudos apontam que apesar do ensino superior representar para o jovem um esforço rumo a sua autonomia, a exigência do mercado e de uma prolongada formação profissional não oferecem garantias de uma total independência em relação aos pais. Por fim, constata-se também que a dificuldade dos pais em elaborar o luto da infância dos filhos, é um importante fenômeno que dificulta o processo de transição dos jovens.

Em relação às variáveis que levam a uma transição socialmente esperada estão o fator de crescimento econômico e modernização das sociedades, pois permite melhores oportunidades de inserção do jovem no mercado de trabalho e a formação de um lar próprio. Além disso, a expansão dos direitos sociais (acesso à escola, regularização do trabalho, etc.) possuem forte impacto homogeneizador nos padrões de transição para a vida adulta.

Em relação às variáveis que levam a uma transição tardia, um dos fatores marcantes para esse fenômeno é a crescente expectativa e qualidade de vida nas sociedades modernas. Grande parte dos estudos também afirmam que hoje outras possibilidades de arranjos familiares, não mais tradicionais, abriram um leque de oportunidade para os jovens, inclusive permitindo a maior permanência e a dependência da casa de origem, favorecendo, portanto, um processo de transição tardio. Pode-se acrescentar ao fato o fenômeno da flexibilização dos ritos de passagem.

Em relação aos elementos que marcam o processo de transição para a vida adulta estão a exploração da identidade, autofoco, ambivalência e instabilidades que decorrem do fato de o jovem se manter apresentando características da adolescência como dependência econômica, emocional e residencial da família de origem. Além disso, estão os tradicionais ritos de passagem, dados como fortes marcadores desse período como saída da escola, entrada no mercado de trabalho, saída da casa de origem e formação de uma nova família.

Em relação aos aspectos formais observou-se que os anos 2009, 2010, 2014, 2016 e 2018 foram aqueles que possuíram mais publicações sobre o tema estudado e nos anos 2011, 2015 e 2017 não se contactou nenhuma produção.

Dos 11 periódicos encontrados, nenhuma das revistas publicou sobre o tema mais de uma vez e dentre os estados que mais se encontram material estão São Paulo e Rio Grande do Sul. As três dissertações encontradas concentram-se na região Sudeste.

Tais informações sugerem que ainda há pouco interesse em estudar tal tema, uma vez que ainda aos poucos os periódicos encontrados na área, estando os trabalhos publicados focalizados nas regiões Sul e Sudeste.

A prevalência sobre o tipo de pesquisa se deu à pesquisa de campo, totalizando cinco (5) estudos, e o instrumento mais utilizado pelas pesquisas foram entrevistas que abarcam a história de vida dos jovens e adolescentes. A maior parte dos estudos de pesquisa de campo recrutaram como participantes uma média de idades entre 15 e 35 anos.

A maior parte dos estudos selecionados possuem como objetivo a realização de uma análise de como vivenciam os adultos que ainda moram na casa de origem relacionando os eventos ligados à transição para a vida adulta, como é exposto em cinco (5) estudos. Em outros três (3) estudos, aborda-se a verificação dos desafios e oportunidades vivenciados durante esse processo.

No que diz respeito às conclusões dos estudos, é possível observar que parte deles pontuaram que a juventude não é uma etapa universal do desenvolvimento, mas se estrutura a partir de processos psicológicos e sociais de transição entre a infância e a fase adulta e que além disso, dependem das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito.

Boa parte dos estudos revelam que há crescente proporção de co-residência entre jovens adultos e seus pais, sendo a maioria composta por jovens da raça/cor branca e do sexo masculino, com mais de 25 anos e que possuem alto nível de escolaridade e trabalham.

Também se conclui que a participação dos pais nos processos de transição dos filhos, oferecendo suporte à autonomia e relativizando a diferença hierárquica ao se aproximarem mais deles, favorece o processo de transição para a fase adulta.

Com essa pesquisa, foi possível obter informações relevantes que sugerem a importância de se estudar o processo de transição para a vida adulta, visto que se trata de uma fase complexa em busca de si mesmo, que gera muitas dúvidas e inseguranças. Tal fase é influenciada por fatores sociais, culturais, econômicos e demográficos que atuam na sociedade e na família.

Mudanças nas estruturas sociais, familiares e econômicas trazem novas modalidades de transições, convertidas para um padrão de incertezas que apresenta possibilidades de extensão

e também reversão, uma vez que se consta cada vez mais jovens se mantendo na dependência da família de origem ou que retornam à casa dos pais.

Para finalizar, pautada na realidade brasileira, em que ainda são muito poucos os periódicos encontrados com a temática especificam sobre a transição para a vida adulta, sugere-se que sejam desenvolvidos novos inquéritos que ampliem a investigação dos aspectos ligados a essa importante fase de transição.

REFERÊNCIAS

- AQUILINO, W. S. Family relationships and support systems in emerging adulthood. In: ARNETT, J. J.; TANNER, J. L. **Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century**. Washington: American Psychological Association, p. 193–217, 2006. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2005-16266-008>. Acesso em: Out 2020.
- ARNETT, J. J. Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In: ARNETT, J. J.; TANNER, J. L. **Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century**. Washington: American Psychological Association, p. 3–19, 2006. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2005-16266-001>. Acesso em: Out 2020.
- BARROS, M. M. L. Trajetória de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 71-92, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: Out 2020.
- CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para vida adulta ou vida adulta em transição?** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, p. 31-225, 2006. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5504. Acesso em: Out 2020.
- CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611 – 614, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-71672004000500019&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Out 2020
- CARVALHO, R. L. Casa, comida e roupa lavada: fatores associados à saída do jovem brasileiro do domicílio de origem. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AMSA-8LBKKK/1/regiane_lucinda_de_carvalho_2009.pdf. Acesso em: Out 2020.
- CASSARINO-PEREZ, L. et al. Transição entre o acolhimento e a vida adulta: Uma revisão sistemática sobre intervenções. **Revista Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1665-1681, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000301665&lng=en&nrm=iso. Acesso em: Out 2020.
- CORCORAN, M.; MATSUDAIRA, J. Is it getting harder to get ahead? Economic attainment in early adulthood for two cohorts. In: SETTERSTEN JR, R. A.; FURSTENBERG JR, F. F.; RUMBAUT, R. G. **On the frontier of adulthood: Theory, research, and public policy**, Chicago: University of Chicago Press, p. 356– 395, 2005. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2005-01487-011>. Acesso em: Out 2020.
- DE VOS, S. Leaving the parental home: patterns in six Latin American countries. **Journal of Marriage and the Family**, Menasha, Wis., v. 51, n. 3, p. 615-626, 1989. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6530928/>. Acesso em: Out 2020.
- DIAS, V. C. LIMA, NL; VIOLA, D.T.D; et al. Adolescentes na rede: riscos ou ritos de passagem. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, p. 1-15, 2019. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100109&lng=en&nrm=iso. Acesso em: Out 2020.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, ed. 2. p. 122-193, 1972.

ERIKSSON, P. S.; PERFILIEVA, E.; BJÖRK-ERIKSSON, T.; et al. **Neurogenesis in the adult human hippocampus**. [S.l.]: Nature Medicine, v.4, p.1313–1317, 1998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9809557/>. Acesso em: Out 2020.

GALLAGHER, I. M. **Geracao canguru: entre o conforto e o desamparo**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 1-98, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28996/28996.PDF>. Acesso em: Out 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5^a. ed. São Paulo: Atlas, p. 59-85, 2008.

GOLDANI, A.M. Reinventar políticas para famílias reinventadas: entre la “realidad” brasileña y la utopía. 2005. In: Seminário as Famílias e as Políticas Públicas, 2005, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos**. Campinas: ABEP, p.27-38, 2005.

HENRIQUES, C. R. “Geração Canguru”: O prolongamento da vida familiar. **Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 327-336, 2003.

HENRIQUES, C. R.; FERES-CARNEIRO, T. A geração canguru: Algumas Questões sobre o Prolongamento da Convivência Familiar. **Revista PSICO**, v. 2, n. 32, p. 195-205, 2004.

KERNBERG, O. F. Structural derivatives of object relationships. **International Journal of Psychoanalysis**. v. 47, p. 236-253, 1966. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1967-03048-001>. Acesso em: Out 2020.

KUBLIKOWSKI, I.; RODRIGUES, C. M. Geração Canguru: Novos contextos, novas experiencias. **Revista Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 33, n. 3, p. 535-542, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n3/0103-166X-estpsi-33-03-00535.pdf>. Acesso em: Out 2020.

KURDEK, L. A. A general model of relationship commitment: Evidence from samesex partners. **Personal Relationships**, v.15 n.3, p.391–405, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-6811.2008.00205>. Acesso em: Out 2020

LEME, V. B. R. FERNANDES, L.M; JOVARINI, N.V; et al. Percepção de jovens sobre a transição para a vida adulta e as relações familiares. **Revista institucional de psicologia**, Juiz de fora, v. 9, n. 2, p. 182-194, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000200003. Acesso em: Out 2020.

MARCIA, J. E. Development and validation of ego identity status. **Journal of Personality and Social Psychology**, [S.l.]. v.3 n.5, p.551–558, 1966. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1966-07584-001>. Acesso em: Out 2020.

- MATOS, E. A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 178-188, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642016000200178&script=sci_arttext. Acesso em: Out 2020.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVAO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-07072008000400018&lng=e&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: Out 2020.
- MODELL, J; FURSTENBERG JUNIOR, F; HERSHBERG, T. Social Changes and Transitions to Adulthood in Historical Perspective. **Journal of Family history**, Minneapolis (USA): NCFR, v.38, n.1, p.7-32, 1976. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/036319907600100103>. Acesso em: Out 2020.
- NASCIMENTO, A. M. Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1856>. Acesso em: Out 2020.
- NICHOLS, RICHARD C. SCHWARTZ, **Terapia Familiar Conceitos e Métodos**. tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese, 7. ed. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, p.65-298, 2007.
- OLIVEIRA, T.D; GOLGHER, A.B; LOUREIRO, P.M. Trajetórias de local de moradia, estudo e trabalho dos jovens brasileiros entre 2003 e 2011: uma análise de entropia. **Revista brasileira de estudos de população**, São Paulo, v.33, n.1, p.31-52, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982016000100031&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: Out 2020.
- PAIS, J.M. A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde Soc**, São Paulo, v.18, n.3, p.371-381,2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902009000300003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Out 2020.
- PAPALIA, D.; FELDMAN, R. **O desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p.510-634.
- PHINNEY, J. S. Ethnic identity exploration in emerging adulthood. In: ARNETT, J. J. TANNER, J. L. **Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century**. Washington, DC: American Psychological Association, p. 117–134, 2006.
- PONCIANO, E.L.T; FERES-CARNEIRO, T. Relação Pais-Filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.27, n.2, p.388-397, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722014000200388&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Out 2020.
- RIBEIRO, C.A.C. Desigualdades nas transições para a vida adulta no Brasil (1996 e 2008). **Revista Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.433-473, 2014. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-38752014000200433&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: Out 2020.

SCHULENBERG, J.; O'MALLEY, P.; BACKMAN, J. et al. Early adult transitions and their relation to well-being and substance use. In: SETTERSTEN JR, R. A.; Furstenberg JR, F. F.; RUMBAUT, R. G. (Eds.), **On the frontier of adulthood: Theory, research, and public policy**. Chicago: University of Chicago Press, p. 417–453, 2005.

VIEIRA, A.C.S; RAVA, P.G.S. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo familiar? **Revista Barbaroi**. Santa Cruz do Sul, n.33, p.118-134, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200008. Acesso em: Out 2020.

WINNICOTT, D. W. The maturational process and the facilitating environment. New York: International Universities Press. p. 152-221, 1965.

APÊNDICE A - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 1

Estudo 1	
Título	A1- Geração Canguru: Novos contextos, novas experiências
Ano de publicação	2016
Revista de publicação	Revista Estudos de Psicologia I-Campinas
Autor (es)	KUBLIKOWSKI, Ida; RODRIGUES, Clarissa Magalhaes, 2016
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Revisão Integrativa
Instrumentos	Não se aplica
Objetivos	Analisar as produções acadêmicas dos últimos 25 anos acerca do tema transição para a vida adulta, com foco na “geração canguru”
População e amostra	Não se aplica
Principais resultados e conclusão	Diante da análise de material publicado nos últimos 25 anos sobre o tema, observou-se que muitos autores tiveram dificuldade de reconhecer que num contexto marcado por complexidade e instabilidade, privilegiar um senso de normalidade na psicologia do desenvolvimento pode ser uma ferramenta perigosa para a concepção do que é ser adulto hoje em dia. Acredita-se ser a família canguru uma possibilidade de arranjo doméstico que não coloca, obrigatoriamente, dúvidas quanto à condição adulta dos filhos. Também se propõe o termo plural “gerações-canguru” de forma a ampliar o olhar sobre os significados da coabitação entre pais e filhos na fase madura do ciclo vital familiar.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE B - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 2

Estudo 2	
Título	A2- Transição entre o acolhimento e a vida adulta: Uma revisão sistemática sobre intervenções.
Ano de publicação	2018
Revista de publicação	Revista Trends in Psychology/ Temas em Psicologia
Autor (es)	CASSARINO-PEREZ, L; CORDOVA, V.E; MONTSERRAT, C; SARRIERA, J.C
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Revisão Integrativa
Instrumentos	Não se aplica
Objetivos	Mapear a produção científica dos últimos dez anos programas de intervenção para favorecer o processo de emancipação de adolescentes que deixam o sistema de proteção por motivos de maioridade.
População e amostra	Não se aplica
Principais resultados e conclusão	Foram selecionados 20 artigos indexados nas bases de dados <i>Scientific Electronic Library Online</i> (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), PubMed, PsycINFO, <i>Pro Quest Psychology Journals</i> e <i>Web of Science</i> . Os programas variaram em formato (moradia, pontuais e contínuos); conteúdo oferecido (habilidades para a vida independente, educação, trabalho) e método utilizado (participativo ou passivo). Por fim, concluiu-se que para favorecer o processo de transição os programas devem ter duração continuada; aliar treinamento em habilidades para a vida independente com acompanhamento sócio emocional e inserção comunitária; respeitar as diferenças individuais dos participantes e considerá-los como agentes ativos na tomada de decisões.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE C - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 3

Estudo 3	
Título	A3- A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse
Ano de publicação	2009
Revista de publicação	Revista Saúde Soc.
Autor (es)	PAIS, J.M
Área	Sociologia
Tipo de pesquisa	Revisão Integrativa
Instrumentos	Não se aplica
Objetivos	O objetivo deste artigo é o de discutir como um antigo rito de expressão localizada se enfrenta a aragens da modernidade.
População e amostra	Não se aplica
Principais resultados e conclusão	As idades normativas que demarcam as diferentes fases de vida mantêm alguma estabilidade não variam muito, Porém, se há idades normativas para se ser jovem, adulto ou idoso e se há um reconhecimento social dos marcadores de passagem de uma a outra fase de vida, também é certo que a realidade dos fatos questiona as normas que os tentam regular. Assim, um idoso que se reforme pode, por necessidade de sobrevivência ou outras, continuar a exercer uma atividade profissional; da mesma forma, um jovem que por efeito de uma inserção profissional ou de um casamento passa normativamente à condição de adulto, pode, a qualquer momento, divorciar-se ou ver-se no desemprego, retornando à condição de filho economicamente dependente dos pais.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE D - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 4

Estudo 4	
Título	A4- Adolescentes na rede: riscos ou ritos de passagem
Ano de publicação	2019
Revista de publicação	Revista Psicologia Ciência e Profissão
Autor (es)	DIAS, V.C; LIMA, NL; VIOLA, D.T.D; KELLES, N.F; GOMES, P.S; SILVA, C. R
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa de campo
Instrumentos	Como metodologia, utilizou-se a conversação de orientação psicanalítica. A proposta das conversações é a criação de espaços de fala onde há associação livre coletivizada, como aspectos subjetivos privilegiados e a alteridade dos participantes preservada. Assim, todos têm voz e podem expressar suas opiniões.
Objetivos	O objetivo desse artigo é empreender uma discussão teórica relacionando os riscos na internet com os ritos de passagem no tempo lógico da adolescência.
População e amostra	Foram realizados semanalmente encontros em grupo com dez adolescentes com idades entre 13 e 15 anos e foram coordenados por uma psicóloga. A escolha dos participantes foi realizada pela escola e o critério utilizado foi convidar alunos que tinham se envolvido em algum episódio relacionado às redes sociais. Foram realizados 17 encontros de 60 minutos cada em horário estabelecido pela instituição de ensino.
Principais resultados e conclusão	Considera-se que, na atualidade, os impasses da operação de passagem se exprimem pela profusão de atos de caráter sacrificial que a juventude apresenta, contando com o papel decisivo da visibilidade proporcionada pelas tecnologias digitais. As conversações demonstraram a importância de se oferecer espaços de palavra aos adolescentes, fora do ambiente virtual, para que eles possam produzir um saber sobre as suas experiências <i>on-line</i> , uma vez que o adolescente busca um Outro humanizado que, com a sua presença, autentique a sua palavra, acolhendo no laço social o que ele porta de mais singular.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE E - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 5

Estudo 5	
Título	A5- A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta.
Ano de publicação	2016
Revista de publicação	Revista Psicologia USP
Autor (es)	MATOS, E
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Estudo de caso (Pesquisa qualitativa longitudinal de estudo de casos múltiplos).
Instrumentos	No presente artigo foram relatadas apenas as entrevistas com a jovem <i>Jane</i> – ao longo do período que vai dos 16 aos 23 anos de idade – que negocia sentidos relevantes em torno da questão da “ <i>responsabilidade</i> ”, que passa a constituir um <i>valor central</i> na orientação de suas ações e de sua trajetória de vida.
Objetivos	O objetivo deste artigo é explorar a centralidade da mediação semiótica na experiência dos jovens, focalizando o movimento por meio do qual eles reconfiguram sua cultura pessoal, seu sentido de si mesmo, e constroem e consolidam um sistema de valores capaz de organizar suas relações com o contexto e, também, direcionar suas ações futuras. Também possui como objetivo analisar como a jovem Jane elabora uma nova versão de si mesma em torno da noção de “ <i>responsabilidade</i> ” enquanto navega entre os campos de significado antigos e novos, assumindo novas posições em diferentes esferas (família e trabalho) para tentar superar desafios e incertezas, construindo uma nova versão de si mesma e de seu futuro no período entre os 16 e 23 anos de idade.
População e amostra	O artigo fez parte de um projeto de pesquisa dividido em três rodadas com diferentes jovens, entretanto, no artigo há apenas o relato do estudo de caso realizado com a Jovem Jane entre seus 16 a 23 anos de idade.

Principais resultados e conclusão	<p>Buscou-se compreender a juventude não como uma etapa universal de desenvolvimento, mas a partir de processos psicológicos e sociais de transição entre a infância e a fase adulta e que dependem das circunstâncias sociais e históricas para a formação do sujeito. Ressalta-se que o movimento de construção de um sistema de valores, sobretudo aqueles associados ao binômio <i>liberdade-responsabilidade</i>, parece ser um dos eixos fundamentais da experiência de “ser jovem” na nossa cultura. Por fim, observou-se que a jovem construiu uma nova configuração do sistema do <i>self</i> e moldou seu futuro em meio a um processo de <i>autorregulação</i> semiótica. Isso leva a compreensão de que os processos de autorregulação presentes nas transições dos jovens, bem como na experiência humana de forma geral, podem tanto <i>promover</i>, facilitar, quanto <i>inibir</i> transformações no sistema do <i>self</i> ao longo do tempo.</p>
--	---

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE F - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 6

Estudo 6	
Título	A6- Trajetórias de local de moradia, estudo e trabalho dos jovens brasileiros entre 2003 e 2011
Ano de publicação	2016
Revista de publicação	Revista brasileira de estudos de população
Autor (es)	OLIVEIRA, T.D; GOLGHER, A.B; LOUREIRO, P.M
Área	Sociologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa descritiva e de entropia
Instrumentos	Foram utilizados os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2003 e 2011.
Objetivos	O artigo busca analisar a decisão dos jovens de sair da casa dos pais, sair da escola e entrar no mercado de trabalho, com o objetivo de identificar se o bom desempenho da economia brasileira entre 2003 e 2011 promoveu a aceleração dessas transições para a vida adulta.
População e amostra	O objeto desse estudo são os jovens de todas as regiões metropolitanas brasileiras, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 34 anos, em 2003 e 2011. Optou-se pela exclusão de regiões não metropolitanas por duas razões: para homogeneizar a população de estudo; e porque a ampliação dos postos de trabalho, que se espera impactar a saída da casa dos pais, concentra-se em regiões metropolitanas.

Principais resultados e conclusão	Os resultados sugerem uma quebra com o paradigma do prolongamento da juventude amplamente discutido nas últimas décadas: houve uma aceleração da transição para a vida adulta no período analisado. A análise descritiva para 2003 e 2011 mostrou que a proporção de jovens em regiões metropolitanas morando com os pais manteve-se estável para mulheres e elevou-se apenas para homens com mais de 25 anos, uma mudança no padrão de aumento significativo que vinha ocorrendo entre 1970 e 2000. Entretanto, somente o tempo irá dizer se o período entre 2003 e 2011 foi realmente um divisor de águas ou apenas um interstício da tendência ao prolongamento da juventude.
--	--

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE G - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 7

Estudo 7	
Título	A7- Desigualdades nas transições para a vida adulta no Brasil (1996 e 2008)
Ano de publicação	2014
Revista de publicação	Revista Sociologia&Antropologia
Autor (es)	RIBEIRO, C.A.C
Área	Estudos Sociais e Políticos
Tipo de pesquisa	Pesquisa descritiva e exploratória
Instrumentos	As análises apresentadas neste artigo se utilizam dos dados da Pesquisa de Padrões de Vida (PPV) coletada em 1996 e da Pesquisa Dimensões Sociais das Desigualdades (PDSD) coletada em 2008. A PPV é uma pesquisa domiciliar representativa das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil e, assim, e representativa de 85% da população brasileira. Coletada entre 1996-1997,4 a PPV e uma amostra de 4.900 domicílios selecionada a partir de todos os domicílios que constituem a população brasileira.
Objetivos	Analisar as transições para a vida adulta e os aspectos de mudança social-demográficas de 1996 e 2008 no Brasil.
População e amostra	A amostragem é baseada no Censo de 1991 sobre a distribuição de municípios e “setores censitários” (“microrregiões no interior dos municípios”), e segue um procedimento de seleção probabilística. Primeiro, foram selecionados municípios, depois as microrregiões e, por fim, as residências no interior destas. Foram coletadas as informações de todas as pessoas (com 10 anos ou mais) vivendo na residência. Este artigo restringe a análise aos homens e mulheres entre 12 e 30 anos para os quais há casos válidos para todas as variáveis utilizadas nas análises. Assim, a amostra contém informações para 4.905 indivíduos.

Principais resultados e conclusão	<p>No Brasil, as décadas de 1980, 1990 e 2000 caracterizaram-se por altos níveis de desigualdade e ausência de crescimento econômico, por um lado, e expansão dos direitos civis e acesso à educação, por outro. A mais poderosa mudança foi o acesso à escola, que afetou sobremaneira o momento das transições. A partir de meados da década de 1990, o fornecimento de vagas nas escolas aumentou de modo significativo. Esta mudança teve um enorme efeito nos padrões de entrada na vida adulta na medida em que diminuiu consideravelmente as diferenças de classe e gênero nas transições da vida produtiva e reprodutiva. Além disso, essas mudanças institucionais podem ser consideradas fatores importantes na própria diminuição das desigualdades econômicas. Os dados sobre transição para a vida adulta analisados nesse artigo indicam claramente que houve diminuição da desigualdade de classe de origem, de gênero, entre áreas rurais e urbanas, e entre o Sudeste e o Nordeste.</p>
--	--

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE H - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 8

Estudo 8	
Título	A8- Trajetória de jovens adultos: ciclo de vida e mobilidade social
Ano de publicação	2010
Revista de publicação	Revista Horizontes Antropológicos
Autor (es)	BARROS, M.M. L
Área	Antropologia e Psicologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa de Campo
Instrumentos	Um roteiro de entrevistas que abarca as trajetórias de vida referentes à modalidade de classe e transição para a vida adulta.
Objetivos	Este artigo tem como objetivo analisar os processos de transição para a fase adulta do ciclo de vida a partir de entrevistas realizadas com jovens, de ambos os sexos, moradores no Rio de Janeiro.
População e amostra	Consiste em seis homens e cinco mulheres jovens e solteiros com curso superior completo, residentes no Rio de Janeiro e com idades entre 20 e 30 anos.
Principais resultados e conclusão	No artigo conclui-se que a passagem para a vida adulta está entrelaçada ao projeto de mobilidade social que é apreendido através da história da família e do próprio indivíduo entrevistado. A liberdade, a valorização da intimidade individual, o acesso à educação, a possibilidade de independência financeira através do trabalho e a distinção em relação à geração dos pais são elementos apresentados como fundamentais nesse movimento de transições de classe e de níveis de maturidade. O artigo ainda coloca que é possível ser jovem e adulto ao mesmo tempo. Ter independência e depender afetivamente da família; ter filho e não casar; ser responsável economicamente pela família e almejar sua privacidade; conviver com as suas incertezas subjetivas e objetivas e a dos pais.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE I - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 9

Estudo 9	
Título	A9- Relação Pais-Filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia.
Ano de publicação	2014
Revista de publicação	Revista Psicologia Reflexão e Crítica
Autor (es)	PONCIANO, E.L.T; FERES-CARNEIRO, T
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa de Campo
Instrumentos	É utilizada a metodologia qualitativa com entrevistas dirigidas.
Objetivos	Este artigo tem como objetivo compreender a experiência de pais, que vivenciam essa fase de transição para a vida adulta dos filhos.
População e amostra	Foram entrevistados pais e mães de classe média, residentes no Rio de Janeiro, cujos filhos têm entre 15 e 26 anos.
Principais resultados e conclusão	Conclui-se que os pais participam, oferecendo suporte à autonomia dos seus filhos jovens, relativizando a diferença hierárquica ao se aproximarem mais deles. Não é mais a relação inicial da infância, que demandava cuidados físicos de sobrevivência, sendo caracterizada pela total dependência. Trata-se de um novo tipo de relação de cuidado que, mesmo considerando o aumento da autonomia, exerce o papel de apoio ao crescimento do filho.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE J - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 10

Estudo 10	
Título	A10- Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo familiar?
Ano de publicação	2010
Revista de publicação	Revista Barbaroi
Autor (es)	VIEIRA, A.C.S; RAVA, P.G. S
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Revisão integrativa
Instrumentos	Não consiste
Objetivos	O objetivo desse artigo é indicar aspectos que configuram o processo de permanência do filho adulto jovem no lar parental, especificamente no que diz respeito à relação com sua família de origem.
População e amostra	Não consiste
Principais resultados e conclusão	Conclui-se que, hoje, há uma variação na fase do ninho vazio, em que os pais costumavam ficar sozinhos no lar, para o “ninho cheio”, em que a família permanece toda residindo conjuntamente. Compreende-se que o comportamento dos filhos, de permanecerem na casa dos pais, pode não representar um transtorno para a família. Pelo contrário, o adulto jovem frente à realidade externa da família e com os obstáculos para a saída de casa, salientados no artigo, estaria optando por permanecer na casa dos pais e esse comportamento não só seria aceito, como, em algumas famílias, seria incentivado pelos pais, através de mordomias e regalias que outrora não seriam admitidas. Por fim, o fenômeno do “ninho cheio” parece mais característico da classe média já que esse prolongamento da juventude não ocorreu com tanta frequência nas classes menos favorecidas.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE K - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 11

Estudo 11	
Título	A11- Percepção de jovens sobre a transição para a vida adulta e as relações familiares.
Ano de publicação	2016
Revista de publicação	Revista institucional de psicologia
Autor (es)	LEME, V.B.R; FERNANDES, L.M; JOVARINI, N.V; FALCAO, A.O; MORAES, G. A
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa de campo
Instrumentos	Utilizou-se a técnica de coleta de dados com grupo focal e análise de conteúdo.
Objetivos	O objetivo do artigo é examinar as percepções de jovens adultos sobre os desafios e as oportunidades vivenciados na transição para a vida adulta e as mudanças ocorridas nas relações com os membros da família.
População e amostra	Participaram 13 jovens adultos (idade entre 20 e 28 anos), sendo sete mulheres e seis homens do estado do Rio de Janeiro.
Principais resultados e conclusão	Os resultados do artigo indicaram que as trajetórias vivenciadas pelos jovens adultos são plurais e influenciadas por suas condições socioculturais e econômicas. A permanência prolongada na residência parental pode resultar tanto em conflitos e sentimentos de ambivalência quanto em solidariedade intergeracional entre os membros da família. As informações obtidas com o estudo poderão auxiliar futuros programas de intervenção preventivos e de promoção de saúde mental com os jovens adultos e seus familiares.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE L - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 12

Estudo 12	
Título	T1- Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997.
Ano de publicação	2016
Revista de publicação	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Autor (es)	NASCIMENTO, A.M
Área	Geografia
Tipo de pesquisa	Pesquisa exploratória e descritiva ou revisão integrativa
Instrumentos	Utilizou-se dados da única pesquisa brasileira que permite investigar eventos ligados à transição para a vida adulta, por meio de informações retrospectivas e de perguntas diretas que abordam a ocorrência dos eventos e a idade em que eles foram concretizados, que é a Pesquisa Sobre Padrões de Vida (PPV) 1996-1997.
Objetivos	O objetivo do artigo é mostrar, através dos dados brasileiros disponíveis, a situação em que se encontram os filhos adultos que vivem na casa paterna, em relação à concretização de eventos ligados à transição para a vida adulta.
População e amostra	Não se aplica

Principais resultados e conclusão	<p>Na análise do artigo pode-se observar que as transições no âmbito da família são decisivas e fundamentais na adoção de papéis de adulto, tanto de filhos quanto de filhas, pois, entre outros aspectos, elas refletem a maneira como adquirem independência em relação aos pais.</p> <p>Observa-se, também, que a transição da juventude para a idade adulta vem sendo associada, na totalidade ou em parte, aos cinco eventos tradicionais que ocorrem ao longo da vida dos indivíduos e é influenciada por fatores culturais, sociais, econômicos e demográficos atuantes na sociedade e na família. Porém, durante as últimas décadas, novas modalidades de transições originaram mudanças estruturais e biográficas, responsáveis pela troca no padrão das transições dos jovens adultos, fazendo com que elas passem de um padrão linear, como visto na transição convencional, para um padrão de incertezas, que apresenta possibilidades de reversão, onde os jovens entram e saem de qualquer evento, por diversas vezes.</p>
--	--

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE M - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 13

Estudo 13	
Título	T2- Geração canguru: entre o conforto e o desamparo
Ano de publicação	2013
Revista de publicação	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Autor (es)	GALLAGHER, I.M
Área	Psicologia
Tipo de pesquisa	Pesquisa de campo
Instrumentos	Utilizou-se entrevista semiestruturada, que contemplou temas relevantes, relativos ao prolongamento da convivência familiar.
Objetivos	O objetivo da tese é investigar as motivações, os obstáculos, a vida profissional, a vida afetiva e os planos para o futuro dos jovens adultos que moram com os pais.
População e amostra	Foram entrevistados 8 sujeitos das camadas médias da população carioca, com idades entre 26 e 35 anos e que moram com os pais.
Principais resultados e conclusão	Na análise do artigo pode-se verificar que os sujeitos destacam como vantagens de viver com os pais a questão econômica, a organização, a praticidade, o diálogo e o alento. Como desvantagens, eles apontam para a falta de privacidade e o sentimento de não pertença à casa da família. A vida profissional dos sujeitos é marcada por experiências de curto prazo e pelo medo em relação ao futuro. Porém, alguns sujeitos buscam no emprego público a garantia de uma vida mais estável. Já a vida amorosa dos entrevistados, é caracterizada principalmente pela flexibilidade dos laços amorosos. O quadro instável da atualidade, enfim, produz medo e insegurança nos sujeitos. Constatamos que diante dessa realidade, é comum que o jovem evite fazer planos para o futuro a fim de proteger-se contra possíveis frustrações.

Fonte: dados de pesquisa

APÊNDICE N - APRESENTAÇÃO DO ESTUDO 14

Estudo 14	
Título	T3- Casa, comida e roupa lavada: fatores associados à saída do jovem brasileiro do domicílio de origem.
Ano de publicação	2009
Revista de publicação	Universidade Federal de Minas Gerais
Autor (es)	CARVALHO, R. L
Área	Ciências econômicas
Tipo de pesquisa	Pesquisa exploratória e descritiva
Instrumentos	Utilizou-se dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), foi feita uma análise descritiva dos jovens de 15 a 34 anos residentes em áreas urbanas do Brasil para anos 1986, 1996 e 2006 e, em seguida, modelos de regressão logística para 1996 e 2006.
Objetivos	O objetivo da tese é verificar alguns fatores associados à saída dos jovens brasileiros do domicílio de origem. Considerando jovens aqueles que tinham entre 15 e 34 anos na data de referência da pesquisa.
População e amostra	Não se aplica
Principais resultados e conclusão	Na análise do artigo observa-se elevada e crescente proporção de co-residência entre jovens adultos e seus pais, sendo a maioria composta por jovens da raça/cor branca e do sexo masculino, que possuíam alto nível de escolaridade e que trabalhavam. Houve também um aumento na proporção de homens que não trabalhavam nem estudavam e viviam com os pais. Diferentemente dos homens, em 2006 havia mais mulheres ocupando a posição de responsáveis pelo domicílio e um crescente aumento na proporção de cônjuges que trabalhavam. Os resultados das regressões logísticas revelam que, em 1996 e controlando pelas demais co-variáveis, os pardos e pretos tinham menos chance de deixar o domicílio de origem se comparados com os brancos. Já em 2006, os negros tiveram chance maior de deixar o domicílio comparado aos brancos. Não ter mãe viva foi um importante fator para aumentar a chance de o jovem constituir um domicílio independente, uma vez que a mãe é a

	responsável por proporcionar a comodidade da “casa, comida e roupa lavada” aos filhos e, na sua ausência, a atratividade do ambiente familiar poderia ser reduzida.
--	---

Fonte: dados de pesquisa

